

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**O Efeito da Covid-19 na Oferta de Alimentos e o Impacto no Consumidor
Brasileiro**

LUCAS LENZ CESAR LIMA
1910609

Orientador: Ricardo Dahis

RIO DE JANEIRO – RJ
Dezembro de 2022

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

**O Efeito da Covid-19 na Oferta de Alimentos e o Impacto no
Consumidor Brasileiro**

LUCAS LENZ CESAR LIMA
1910609

Orientador: Ricardo Dahis

RIO DE JANEIRO – RJ
Dezembro de 2022

“Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor”.

"As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor."

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus pela oportunidade de se estudar na PUC-RIO.

Também agradeço a meus pais e toda minha família pelo apoio durante toda essa caminhada.

Agradeço aos professores Rogério Werneck e Marcelo de Paiva Abreu por terem me instruído no começo de minha primeira monografia no PET.

Em especial, agradeço ao professor Ricardo Dahis por sua orientação, principalmente pelo privilégio de me permitir ser seu primeiro aluno orientado.

SUMÁRIO

Resumo	6
1. Introdução	7
2. Análise da Produção	10
2.1. Uma visão sobre o Brasil	10
3. Visão do Preço	13
3.1. Commodities	13
3.1.1. Causa x Correlação	17
3.1.2. Balança Comercial	18
3.1.3. Efeito Cambial	20
3.2. Inflação	21
3.2.1. IPCA	21
4. Impacto no Consumidor	26
4.1. Economia antes e após abertura	26
4.2. Impacto na Alimentação	28
4.2.1. Análise dos subgrupos	28
4.2.2. Subgrupos por Região Metropolitana	31
4.2.3. Análise dos itens	32
4.3. Análise Social	34
4.3.1. Cesta Básica	34
4.3.2. Fome	37
5. Conclusão	39
6. Referências Bibliográficas	41

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução PIB Trimestral: Taxa contra trimestre imediatamente anterior.....	10
Figura 2 - Evolução PIB Trimestral: Taxa em relação ao mesmo período do ano anterior	11
Figura 3 - Área plantada ou destinada à colheita em 2019.....	14
Figura 4 - Índice de Commodities Brasil 1	15
Figura 5 - Índice de Commodities Brasil 2	15
Figura 6 - Variação das Commodities	16
Figura 7 - Exportações e Importações do Brasil	19
Figura 8 - Taxa de Câmbio R\$/US\$	20
Figura 9 - Variação Mensal do IPCA	22
Figura 10 - Variação e Peso Mensal do Grupo Alimentação e Bebidas	23
Figura 11 - Contribuição dos Grupos do IPCA para Inflação Mensal.....	24
Figura 12 - Evolução IPCA do Grupo Alimentação e Bebidas	25
Figura 13 - Comportamento Oferta x Demanda na pandemia	27
Figura 14 - Variação Mensal dos Subgrupos Alimentação.....	29
Figura 15 - Comportamento do Grupo Alimentação e Bebidas e seus Subgrupos	30
Figura 16 - Variação Mensal dos Subgrupos Alimentação por Região Metropolitana ..	31
Figura 17 - Contribuição Mensal dos Itens ao Subgrupo Alimentação no Domicílio....	32
Figura 18 - Variação Mensal dos Itens ao Subgrupo Alimentação no Domicílio	33
Figura 19 - Valor da Cesta Básica por Cidade 1	35
Figura 20 - Valor da Cesta Básica por Cidade 2.....	36
Figura 21 - Variação da Cesta Básica por Cidade	37

RESUMO

O Brasil sempre foi conhecido como o “celeiro” do mundo: desde a era colonial, as terras do país estão voltadas para a produção de gêneros alimentícios como o açúcar, a carne e, mais recentemente na história, a soja. Os donos do agronegócio ainda hoje dominam praticamente todo o país, tanto em esferas regionais quanto em federais. Mas não só os produtores são relevantes o Brasil, como também sua população se mostra um amplo consumidor dos mais variados produtos agrícolas, com uma culinária que utiliza ingredientes de origem europeia, africana e indígena.

Em 2020, a propagação do novo coronavírus gerou uma instabilidade econômica no mundo. Muitas pessoas foram obrigadas a repensar seus planos de vida e muitos países se viram forçados a implementar medidas restritivas em prol do combate à pandemia. Quarentena, isolamento e políticas expansionistas de auxílio financeiro às famílias são algumas das atitudes tomadas por diversas nações, inclusive o Brasil (ainda que possam ter tido intensidades diferentes).

Essa monografia tem a função de abordar esses dois fatores: o caráter agropecuarista brasileiro e o desafio de enfrentar uma pandemia. Busca-se analisar a causa e efeito entre ambos e, como consequência, o impacto na vida dos brasileiros. O foco da monografia, portanto, é avaliar o comportamento da produção de alimentos durante a pandemia, o efeito de seus preços sobre o país e, como resultado, o impacto no consumidor.

1. INTRODUÇÃO

Quando se trata de agricultura, as terras do continente americano se mostraram grandes fornecedoras de suprimentos agrícolas desde seu descobrimento durante as Grandes Navegações. Ao desembarcarem no Brasil, os portugueses conseguiram transformar as terras habitadas por povos nativos em grandes engenhos produtores e exportadores de açúcar. Essa experiência conhecida pelos portugueses possibilitou fomentar o desenvolvimento em Portugal da indústria de equipamentos para esses engenhos açucareiros e, conseqüentemente, colocou a metrópole na linha de frente do comércio mundial do produto. Os magníficos resultados financeiros da colonização agrícola do Brasil abriram perspectivas atraentes à utilização econômica das novas terras (FURTADO, 2005).

Além da economia do açúcar, o país também observou outros ciclos que serviram como sustentação econômica: a exploração do ouro e pedras preciosas no século XVIII, a exploração da borracha na região norte na segunda metade do século XIX e o processo de industrialização via substituição de importação a partir dos anos 1930 com base nem um projeto nacional-desenvolvimentista. Mas apesar desses exemplos, fato é que o Brasil sempre apresentou forte caráter agropecuarista. O ciclo do gado, iniciado no século XVI, e que visava uma economia de subsistência, permitiu a interiorização do povoamento e transformou a economia da época, sendo que hoje possui grande impacto na balança comercial do país (NAKAGAWA, 2017).

Nos últimos 40 anos, a produção agropecuária brasileira se desenvolveu de tal forma que o país será o grande fornecedor de alimentos no futuro. Hoje, o Brasil configura-se como o quarto maior exportador mundial de produtos agropecuários, atrás apenas da União Europeia, EUA e China (CNA, 2021). O modo de exploração econômica iniciado desde os primeiros povoamentos geraram da nação brasileira uma potência agropecuária que exerce suporte fundamental na alimentação de pessoas em diversos países.

Mas ainda que o Brasil exerça um papel exuberante na exportação de gêneros alimentícios, boa parte deles também são destinados aos consumidores do território nacional. Segundo dados do IBGE, 70% dos alimentos consumidos no país tem origem da agricultura familiar. Pequenos agricultores plantam para abastecer a família e vendem o que sobra da colheita (mandioca, feijão, milho, leite, batata) (PONTES, 2017).

Além disso, também merece destaque que uma parte dos alimentos consumidos no país possui origem externa. O Brasil ainda depende de uma quantidade

considerável de alimentos que ele não produz ou que produz em quantidade insuficiente para abastecer o mercado interno (VASCONCELLOS, 2020). Um bom exemplo é o trigo, utilizado para fabricação de pão, bolo, torta e massas, e que precisa ser importado.

Entretanto, apesar da supremacia econômica brasileira em relação ao setor agropecuário, uma anomalia ocorreu no ano de 2020: a detecção de uma nova cepa de coronavírus, batizada de SARS-CoV-2 e responsável por causar a doença Covid-19 (geradora de graves problemas respiratórios) desestabilizou a economia mundial e resultou em grandes custos econômicos na população brasileira. E com isso, os resultados e as perspectivas que o mercado tinha quanto à evolução da produção e dos preços foram completamente alterados nos anos 2020/2021.

Não só o mercado, mas também muitas pessoas foram obrigadas a repensar seus planos de vida e países se viram forçados a implementar medidas restritivas em prol do combate à pandemia que surgia. Um aumento expressivo dos gastos fiscais foi observado no Brasil e no mundo, visando auxiliar as famílias e trabalhadores afetados pela pandemia (CLAUDIO CESAR DE PAIVA, 2021). Ao mesmo tempo, com as medidas para controlar o avanço do coronavírus, também se observou uma limitação na produção e distribuição de diversos produtos (inclusive alimentos), gerando aumento de preços e impactando severamente o bolso dos consumidores (PATHIRANA, 2021).

Diante de tais efeitos gerados pela pandemia do novo coronavírus, e tendo em vista as crescentes dificuldades dos brasileiros de se levar quantidades suficientes de comida para os lares, cogitei que avaliar esse efeito da pandemia sobre os produtos alimentícios (efeito sobre a produção brasileira/mundial e preços resultantes) poderia fornecer uma visão real do impacto do vírus na vida dos brasileiros (além, claro, dos impactos na saúde causados pela infecção).

Ao mesmo tempo, considero de suma importância destacar, de modo abrangente, a evolução do setor agropecuário brasileiro nesse período e, assim, mostrar como ele pode estar correlacionado com o dia a dia do povo. A partir disso, busco tentar trazer uma reflexão sobre as causas e consequências da Covid no ramo produtivo do agronegócio e como isso se desenvolveu até chegar ao consumidor. Espero que essa análise proporcione melhor visão do cenário de atuação da política pública sobre o brasileiro. Compreender quem foram os mais atingidos nesses últimos anos, juntamente com sua origem, talvez possa ajudar a formular políticas públicas mais eficazes.

Também vale ressaltar que, embora a pandemia possa ser compreendida nos anos de 2020 e 2021, tentarei atentar mais o foco no seu início, ou seja, no ano de 2020.

E tendo em vista a chegada do vírus ao Brasil em fevereiro desse ano, e com as medidas mais restritivas sendo tomadas em março, considere mais relevante atentar a partir do segundo trimestre.

Outra ressalva importante é em relação a fonte de dados: para o trabalho, foram utilizados dados, principalmente, do site do IBGE (SIDRA)¹, IPEADATA², BANCO CENTRAL DO BRASIL³ e DIEESE⁴. Para a manipulação dos dados e construção dos gráficos, foi utilizado prioritariamente o programa R.

¹ Mais informações: <https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca/brasil>

² Mais informações: <http://ipeadata.gov.br/Default.aspx>

³ Mais informações:

<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>

⁴ Mais informações: <https://www.dieese.org.br/cesta/>

2. ANÁLISE DA PRODUÇÃO

Como foi destacado na Introdução, a pandemia do novo coronavírus desestabilizou a economia dos países e trouxe desafios quanto a uma nova realidade. Os setores macroeconômicos foram obrigados a se ajustar numa rotina composta por distanciamento social, quarentena e políticas de higiene como uso constante de máscara e álcool em gel. É de se esperar que as bases tenham sido afetadas por essa transformação rápida e radical.

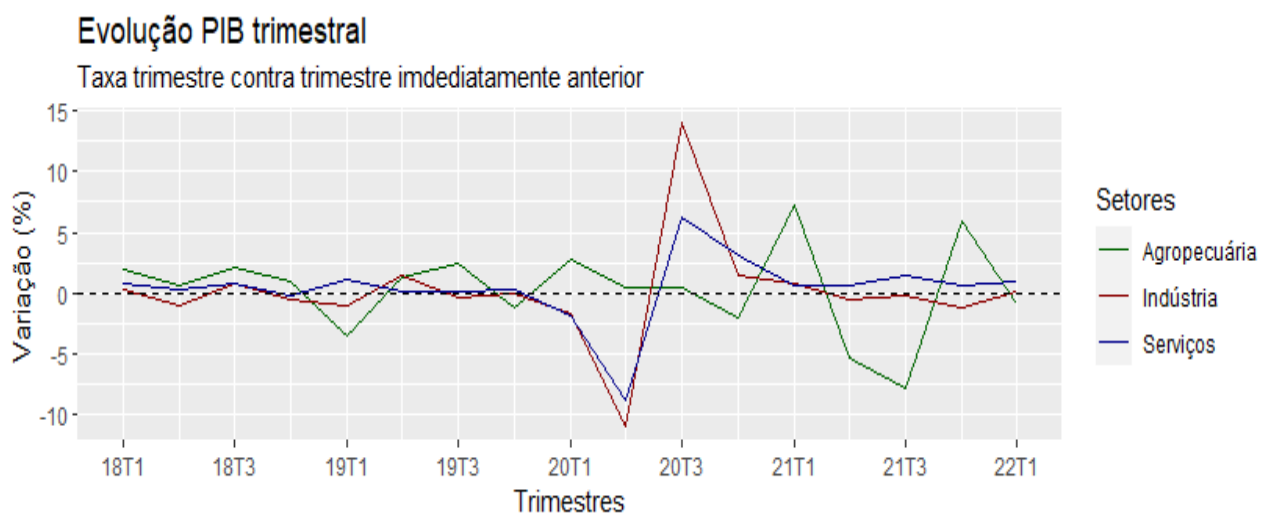
Nesse capítulo, tentarei direcionar uma análise sobre a produção agropecuária do Brasil e como os demais setores (indústria e serviços) se comportaram em relação a ela.

2.1. Uma visão sobre o Brasil

Ratificando o que foi mencionado na Introdução, o Brasil se mostra como um gigante no ramo agropecuarista. Dessa forma, é de suma relevância observar como seu setor agiu nos períodos de estresse pandêmico. Utilizando dados do SIDRA-IBGE, obtive a taxa de variação do índice de volume trimestral do Brasil (evolução do PIB trimestral).

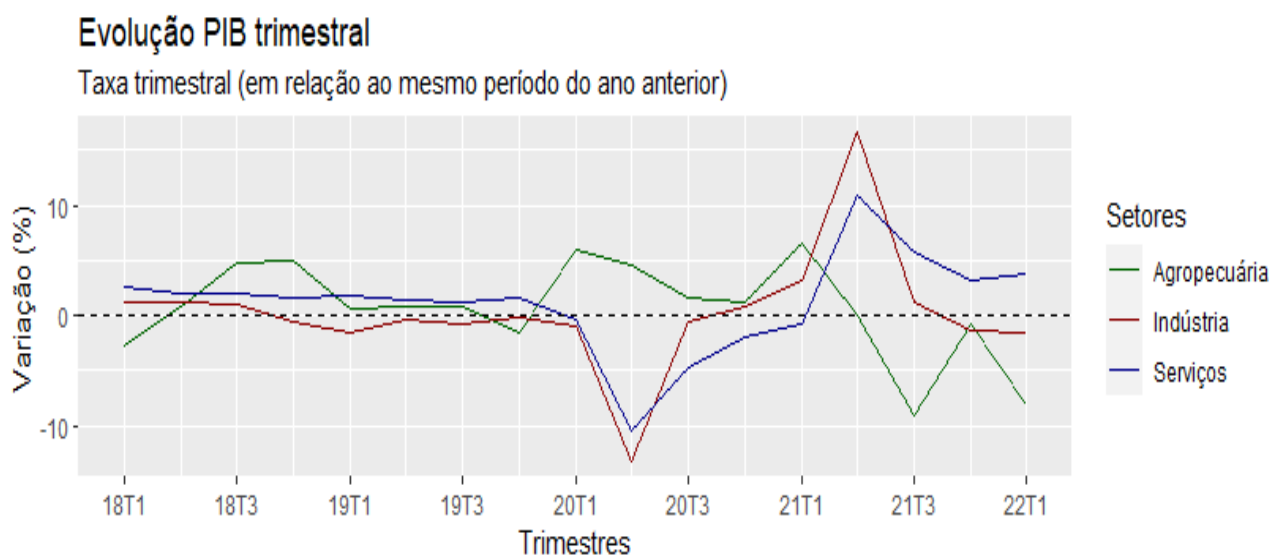
No primeiro caso, pesquisei a respeito da variação dos três setores em relação ao trimestre imediatamente anterior. No segundo caso, avaliei a respeito da variação dos três setores em comparação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Figura 1 - Evolução PIB Trimestral: Taxa contra trimestre imediatamente anterior



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

Figura 2 - Evolução PIB Trimestral: Taxa em relação ao mesmo período do ano anterior



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

Percebe-se um declínio abrupto na produção dos setores industrial e de serviços no início na pandemia, sobretudo no segundo trimestre de 2020. Verifica-se uma queda de 11% da Indústria e 8,9% dos Serviços em comparação com o primeiro trimestre do ano. Há, no entanto, uma retomada no terceiro trimestre do ano, com uma variação de 14% da Indústria e 6,3% dos Serviços, seguida de uma certa estabilização. É notório observar como o setor industrial consegue variar mais em relação ao setor de serviços.

Em comparação, nota-se muito pouca distorção na variação do setor agropecuário. Ainda que apresente certa baixa no pico da pandemia (por volta do segundo trimestre de 2020) a variação da produção trimestral em relação ao trimestre anterior tende a ser constante ao longo do ano, apresentando uma leve queda de 2% no quarto trimestre.

Quando se observa em relação ao ano de 2019, percebe-se também uma forte queda dos setores industrial e de serviços: -13,2% e -10,4%, respectivamente. Além disso, apesar do elevado aumento em relação ao trimestre anterior, existe ainda uma queda no terceiro trimestre da Indústria e dos Serviços nos valores de -0,5% e de -4,8%, respectivamente, em comparação ao mesmo trimestre de 2019. Ainda nesse gráfico se

nota como o setor de serviços apresenta uma lenta recuperação no ano pandêmico de 2020.

Já no setor agropecuário, ainda se observa uma variação positiva em comparação com os mesmos segundo e terceiro trimestres do ano anterior. Há um aumento de 4,6% no segundo e 1,6% no terceiro. De fato, pode-se pressupor um menor efeito da Covid-19 sobre a produção primária, tendo em vista que as medidas restritivas são mais rígidas e necessárias em locais com maiores densidades populacionais, ou seja, regiões mais urbanas onde se predominam em maior relevância os setores secundário e terciário.

Um ponto importante a se destacar é o comportamento da produção agropecuária no decorrer de 2021. O PIB desse setor brasileiro chegou a crescer 8,6% no ano, impulsionado pelos segmentos primário e de insumos. Mais especificamente, o crescimento do PIB do segmento primário agrícola decorreu especialmente do alto patamar real dos preços, tendo em vista as expressivas quebras de produção para importantes culturas, devido ao clima desfavorável (CEPEA, 2022).

No entanto, como mostra o gráfico, há uma queda nos últimos trimestres de 2021, que decorreu sobretudo devido a uma piora nos preços reais do setor. Houve uma importante desaceleração, principalmente da agroindústria, ao longo do segundo semestre de 2021. Observou-se um aumento dos custos de produção envolvendo insumos, máquinas e fertilizantes, o que afetou mais negativamente o ramo pecuário. Na agroindústria, a relação entre faturamento e custos com insumos foi ainda mais desfavorável, diante das dificuldades de repasse das elevações das matérias-primas ao consumidor final devido a fragilização da demanda doméstica (CEPEA, 2022). Tal fato pode estar correlacionado, ainda que muito indiretamente, às consequências econômicas geradas pela pandemia da Covid-19.

Vale ressaltar que os gráficos construídos contêm ajuste sazonal, pois a variação do PIB também se conecta a esse aspecto socioeconômico. A sazonalidade caracteriza-se como um fenômeno que se repete em momentos idênticos e sucessivos. As causas da sazonalidade são várias: mudanças estacionais, férias coletivas de fim de ano, feriados, festas tradicionais, safras e entressafras etc (IBGE, 2018). Portanto, às vezes, um ajuste sazonal, isto é, um acerto que se faz em função da variação de estação (WOLFFENBÜTTTEL, 2005) pode ser importante na análise de uma série temporal como o PIB.

3. VISÃO DO PREÇO

Nesta etapa, mostrarei uma visão a respeito do comportamento do preço dos produtos agropecuários durante o ápice da pandemia. Para isso, é necessário abordar um aspecto global do comércio desses produtos, além também do fenômeno inflacionário resultante no período.

3.1. Commodities

A palavra “commodities” tem origem inglesa e significa “mercadorias”. Refere-se a produtos básicos, sem diferenciação e/ou em estado bruto e que servem de matéria-prima para outros produtos. As commodities são bens de comercialização mundial, negociadas na bolsa de valores de diversos países. Existem 4 tipos de commodities: agrícolas, minerais, ambientais e financeiras. As commodities agrícolas, aos quais será dado mais enfoque, abrange produtos como soja, café, laranja, milho, trigo, açúcar e algodão.

Uma característica relevante no mercado de commodities encontra-se na volatilidade de seus preços, tendo em vista que as condições globais de oferta e demanda são altamente variáveis, o que oferece maior grau de risco nesse mercado. Em caso de uma pandemia, como já discutido na Introdução, há um momento de incertezas no mercado e revisão de perspectivas. A consequência esperada é um impacto nos preços em geral, especialmente nas commodities.

No quesito mercado mundial de commodities, o Brasil configura-se como um dos maiores exportadores desses produtos, tendo em destaque a soja. É possível observar a importância da soja para a economia brasileira no gráfico abaixo. Ele mostra as 10 maiores áreas plantadas ou destinadas à colheita no Brasil no ano de 2019. É notória a presença de grandes commodities agrícolas além da soja, como o trigo, café, milho, açúcar e algodão, ressaltando o forte teor de exportação de commodities do país.

Figura 3 - Área plantada ou destinada à colheita em 2019



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

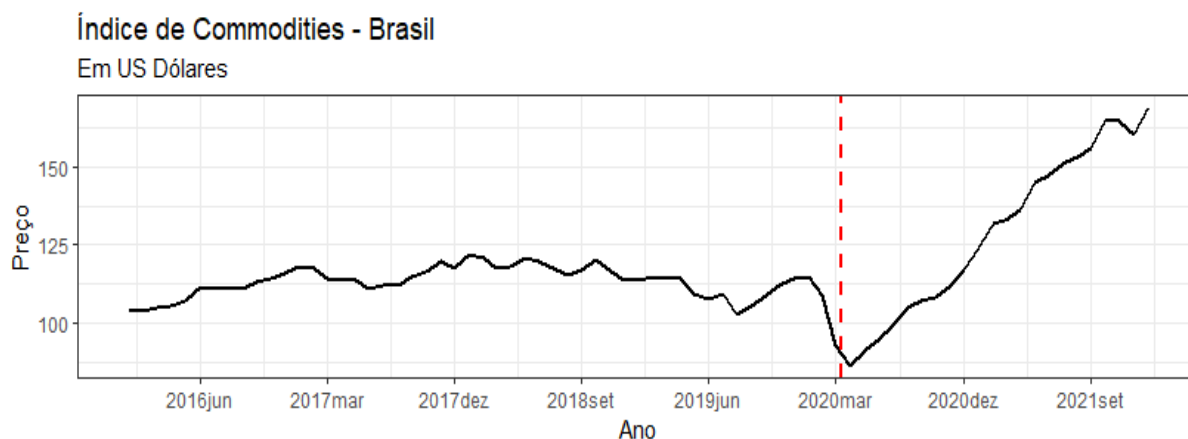
Considerando a relevante posição do Brasil no cenário global de commodities atrelado ao aumento de incertezas geradas no mercado pela pandemia, é de se esperar uma elevação do risco de preço nos mercados agrícolas brasileiros. Essa volatilidade excessiva dos preços gera mais incerteza nas cadeias agrícolas, o que afeta a tomada de decisão dos agricultores, processadores e consumidores (SOUZA, 2021).

É possível que fortes oscilações nos preços das commodities possam afetar os investimentos em seus cultivos, pois os preços delas estão diretamente relacionadas à rentabilidade dos agricultores. Dessa forma, analisar as variações dos preços agrícolas pode fornecer uma certa medida de risco de investimento para os agentes da cadeia produtiva (SOUZA, 2021).

Observando o gráfico abaixo, verifica-se a evolução dos preços das commodities nos últimos anos. Foram utilizados dados do Índice de Commodities – Brasil disponíveis no Banco Central do Brasil. Esse índice exprime a média mensal ponderada dos preços em dólares das commodities relevantes para a dinâmica da inflação

brasileira. Ele agrega de forma ponderada os indicadores relativos aos segmentos Agropecuária, Metal e Energia.

Figura 4 - Índice de Commodities Brasil 1

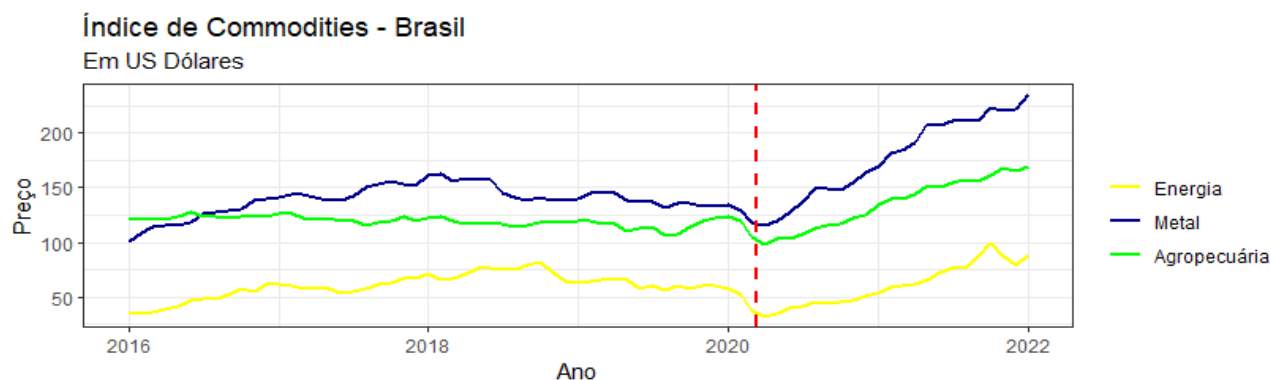


Fonte: Elaboração própria com dados do Banco Central do Brasil

A linha tracejada demarca março de 2020, a qual representa o anúncio da Covid-19 como pandemia pela OMS (OPAS, 2020). Percebe-se que há uma elevação dos preços das commodities após março desse ano depois de uma queda no início de 2020. Mais do que isso, há uma tendência de crescimento durante todo o ano pandêmico (2020 e 2021).

Analisando agora, separadamente, os indicadores dos segmentos de Agropecuária, Metal e Energia (IC-Br), verifica-se a mesma tendência no período.

Figura 5 - Índice de Commodities Brasil 2

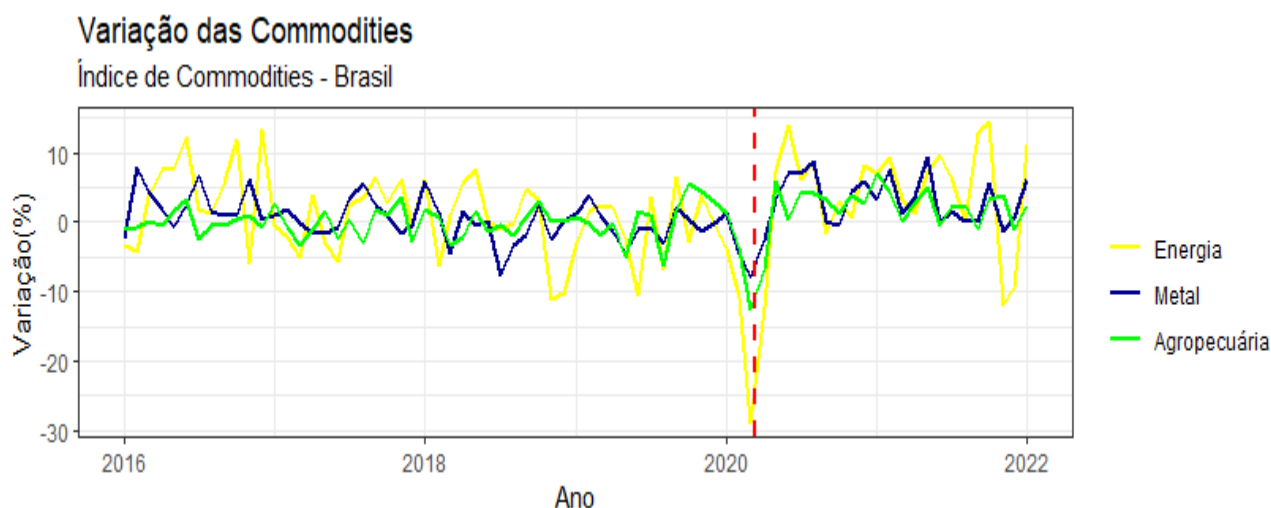


Fonte: Elaboração própria com dados do Banco Central do Brasil

O IC-Br Agropecuária (USD) é um subíndice do IC-Br (USD). Ele representa uma média mensal ponderada dos preços em reais de carne de boi gordo, algodão, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz, porco, suco de laranja e cacau. Já o IC-Br Metal e Energia representam uma média mensal ponderada dos preços em reais de alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo, níquel, ouro e prata e uma média mensal ponderada dos preços em reais de petróleo Brent, gás natural e carvão, respectivamente.

Ainda a respeito dos índices desses três segmentos, um dado interessante se faz presente na variação das commodities, visualizada no gráfico abaixo.

Figura 6 - Variação das Commodities



Fonte: Elaboração própria com dados do Banco Central do Brasil

É possível observar nessa série um certo tipo de comportamento estacionário da variação de preço das commodities ao longo dos últimos anos, ou seja, a variável tende a se comportar de maneira aleatória no tempo ao redor de uma média. Nota-se também um sutil aumento dessa média após o ano de 2020, onde a variação dos preços passou a flutuar em valores positivos, indicando justamente a tendência de aumento dos preços na maior parte de 2020 e 2021 observada na Figura 5.

A série também demonstra uma variação negativa relativamente abrupta no início do ano pandêmico pouco antes da declaração da OMS. Merece destaque nesta avaliação o comportamento da Agropecuária frente aos demais: a volatilidade da variação das commodities deste índice se mostraram muito menores quando comparadas à Energia e Metal. Em relação a estas, a variação das commodities de Energia se comportou de

forma muito mais volátil ao longo dos anos, apresentando uma queda vertiginosa na variação no início de 2020.

3.1.1. Causa x Correlação

Ainda que se observe uma anomalia no período pandêmico, mostra-se de fundamental importância o destaque da diferença entre causa e correlação. Embora se entenda uma correlação entre o surto de Covid-19 e a variação das commodities, o fator causalidade, isto é, uma implicação de efeito entre uma e outra variável ainda não é tão evidente.

Entretanto, há indícios concretos de que a pandemia teria ocasionado tanto a queda vertiginosa no início de 2020 quanto a constante subida até o ano de 2021. Segundo um relatório do Banco Mundial em abril de 2020, “O choque econômico global da pandemia de Covid-19 derrubou a maioria dos preços das commodities e deve resultar em preços substancialmente mais baixos ao longo de 2020” (THE WORLD BANK, 2020). O próprio relatório confirma os dados observados nas séries acima: um efeito mais drástico nas commodities de metal e energia devido a parada repentina da atividade econômica e pela grave desaceleração global.

Além disso, também demonstra que há um impacto moderado nas commodities agrícolas, mas que as interrupções na cadeia de suprimentos e medidas governamentais para restringir as exportações ou estocar commodities levantam preocupações de que a segurança alimentar possa estar em risco em alguns lugares. Ainda que os preços agrícolas estejam, de modo geral, menos vinculados ao crescimento econômico, a produção de commodities agrícolas pode enfrentar interrupções no comércio e distribuição de insumos, como fertilizantes, pesticidas e disponibilidade de mão de obra. O relatório ainda afirma que as interrupções nas cadeias de suprimentos afetaram as exportações de produtos perecíveis de mercados emergentes e países em desenvolvimento, como flores, frutas e legumes.

Após o choque inicial da Covid-19, há um efeito contrário nos preços. Segundo um relatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) de 2021, “o preço das commodities disparou na América Latina e no Caribe como efeito da incerteza nos mercados e dependência de bens de consumo, com impactos variados para os países da região” (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021). Uma gradual recuperação da demanda, após severos fechamentos no início de 2020, contribuiu para um crescimento dos preços, ainda que atrelado às

incertezas do período. O aumento de preços das commodities nesse ano também está bastante atrelado à recuperação das atividades econômicas globais à medida que os países avançam em seus esforços de vacinar as populações e subsequentemente removem as restrições de deslocamento.

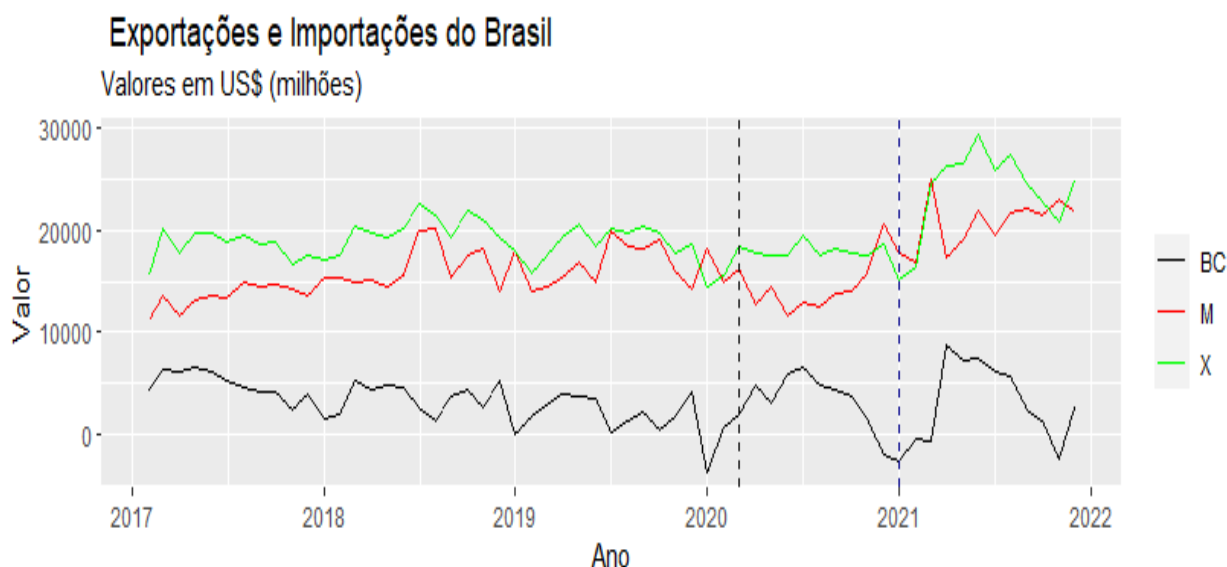
3.1.2. Balança Comercial

Como já foi abordado, o Brasil se caracteriza por ser um grande exportador, estando entre os 30 maiores do mundo (G1, 2022). Dentre os produtos mais exportados estão soja, petróleo, minério de ferro, celulose, carne de frango e bovina, produtos manufaturados e açúcar (percebe-se a alta presença de commodities). Ao mesmo tempo, o país também se configura como um grande importador de produtos, tendo destaque adubos e fertilizantes, inseticidas, óleos combustíveis, partes e peças de veículos, automóveis e medicamentos. O preço desses bens no mercado internacional afetará a balança comercial no balanço de pagamentos brasileiro.

O balanço de pagamentos é uma peça contábil que resume as transações econômicas entre residentes no país e não residentes em um determinado período de tempo. Ele engloba as contas de transações correntes e de movimento de capitais. A conta de transações correntes, por sua vez, inclui as contas balança comercial, balança de serviços e transferências unilaterais.

Tratando da balança comercial em si, ela reflete a diferença entre as exportações e importações do país, abrangendo todos os produtos, bens e serviços vendidos e comprados. Vale ressaltar que ela não registra o volume dos produtos, mas sim o dinheiro resultante da transação. Dessa forma, uma alteração de preços dos produtos em nível internacional pode afetar a situação econômica de um país como o Brasil, especialmente por possuir as exportações como um forte pilar para entrada de divisas ao mesmo tempo que depende das importações para a produção nacional.

Utilizando dados do Banco Central do Brasil, o gráfico abaixo demonstra o valor histórico (em milhões de dólares) das Exportações (X), Importações (M) e da Balança Comercial (BC) no país. A primeira linha tracejada demarca março de 2020 enquanto a segunda demarca o início do ano de 2021.

Figura 7 - Exportações e Importações do Brasil

Fonte: Elaboração própria com dados do Banco Central do Brasil

Observando os dados, percebe-se que, no ano de 2020, existe pouca alteração nas exportações e importações brasileiras. Em relação às importações, há uma ligeira queda no começo da pandemia, provocada pelos fechamentos e interrupções da produção nos países externos. Do início do ano até julho, as importações registraram uma queda de 10,5%, enquanto as vendas brasileiras conseguiram retrair menos devido ao sustento do agronegócio. A pandemia fez os importadores segurarem encomendas e acumularem estoques (CNN BRASIL, 2020). Muitos países implementaram medidas comerciais relacionadas ao combate à pandemia, boa parte delas voltadas para a restrição das exportações. Embora exportações e importações tenham registrado queda em comparação com o ano anterior, a balança comercial terminou o ano em superávit.

Já em 2021, há uma leve quebra na estrutura das operações. Tanto exportações quanto importações apresentam aumento relevante no ano, especialmente as exportações que permanecem em um patamar mais elevado durante o ano inteiro, e permitindo um aumento considerável da balança comercial (21,1% melhor que 2020). O aumento do preço das commodities, como relatado anteriormente, favoreceu o caráter exportador do Brasil. Em 2021, as commodities foram responsáveis por quase 70% do volume de exportações do Brasil em setembro. Do primeiro ao nono mês do ano, elas somaram a marca de 69,7% de participação, a maior da série histórica iniciada em 1998 (CNN BRASIL, 2021). No entanto, como é observável no gráfico, a importação acompanha a exportação no início do ano. Ainda que o aumento das commodities beneficie o Brasil,

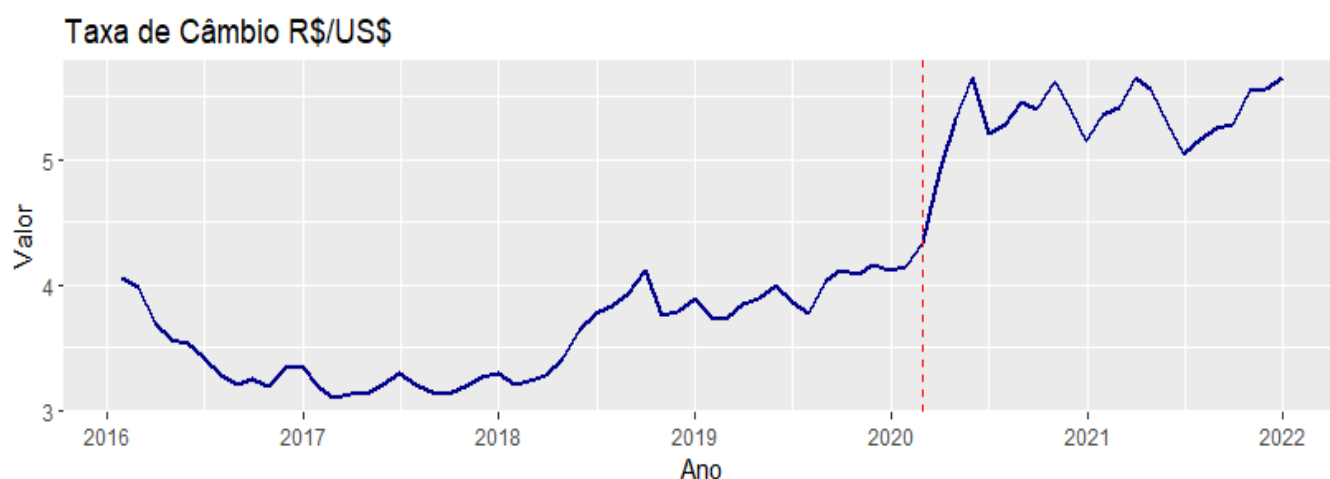
especialmente relativos à produtos agrícolas, existe também um aumento do custo de importação. No caso de alimentos e combustíveis, a subida elevou ainda mais os custos de importação e pode fazer disparar as taxas de pobreza e de insegurança alimentar (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021). Nesse ano, a soja representou o segundo maior valor nas exportações, equivalente a US\$ 37,3 bilhões, perdendo apenas para o minério de ferro.

3.1.3. Efeito Cambial

O surgimento de um novo vírus altamente transmissível gerou medo e incertezas no mercado global. Os investidores passaram a ser mais avessos aos riscos e se viram obrigados a alterar suas expectativas.

No início da crise causada pela COVID-19, as condições mais restritivas de financiamento externo desencadearam saídas de capital repentinas, com a acentuada depreciação das taxas de câmbio em muitas economias de mercados emergentes e em desenvolvimento (LEIGH, 2020). No Brasil, houve uma intensa desvalorização do real, com um aumento da taxa de câmbio. O gráfico abaixo revela o comportamento do real frente ao dólar nos últimos anos.

Figura 8 - Taxa de Câmbio R\$/US\$



Fonte: Elaboração própria com dados do Quandl

Os anos de 2020 e 2021 são marcados por uma elevada taxa de câmbio, especialmente se comparada aos anos anteriores. A retirada de investimentos no país

(sendo realocados em países mais seguros), atrelado também a uma aceleração dos gastos públicos provocaram o efeito observado no dólar.

Como consequência é de se esperar que haja um favorecimento das exportações – como foi discutido no tópico anterior- ao mesmo tempo em que há um encarecimento dos produtos importados, muitos deles importantes para a manutenção da economia brasileira. O efeito de desvalorização cambial incrementou a alta de preços desses produtos, contribuindo para o fortalecimento do fenômeno inflacionário.

3.2. Inflação

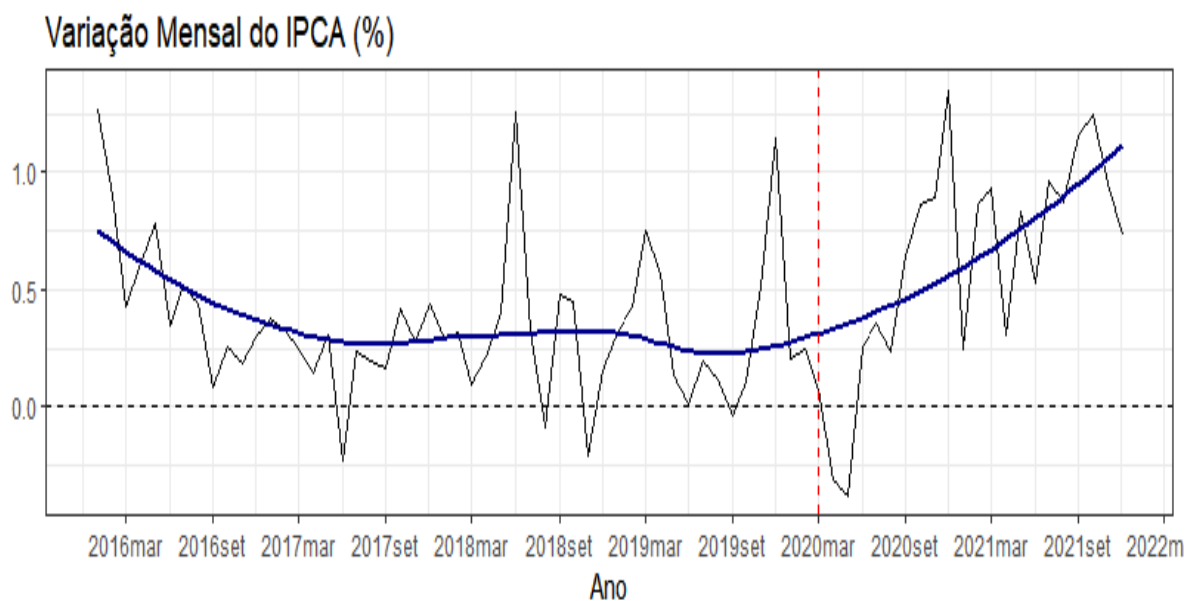
É comum os preços se alterarem ao longo do tempo. Quando há uma queda generalizada deles, chamamos de deflação. Já quando há um aumento generalizado dos preços de produtos e serviços, chamamos de inflação. Esta é calculada pelos índices de preços, comumente chamados de índices de inflação. O IBGE produz dois dos mais importantes índices de preços: o IPCA, considerado o oficial pelo governo federal, e o INPC (IBGE, 2022).

Ambos os índices visam medir a variação de preços de uma cesta de produtos e serviços consumida pela população. A cesta é obtida através da POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares). O resultado mostra se os preços aumentaram ou diminuíram de um mês para o outro. Mas além de conterem a variação dos preços, os índices também levam em conta o peso de cada item possui no orçamento da família.

3.2.1. IPCA

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo engloba uma parcela maior da população. Ele aponta a variação do custo de vida médio de famílias com renda mensal de 1 e 40 salários mínimos (IBGE, 2022).

Com dados do IBGE, gráfico abaixo demonstra o comportamento da variação mensal do IPCA ao longo dos últimos anos.

Figura 9 - Variação Mensal do IPCA

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

Enquanto a linha preta representa a variação mensal do IPCA, a curva azul representa um método de suavização dos dados observados, permitindo melhor contemplar a tendência da variável. Nesse caso, também foi utilizado o método “loess” o qual consiste na suavização de dispersão estimada localmente. A linha tracejada vermelha representa março de 2020, o início da pandemia confirmada pela OMS.

É possível notar uma queda relevante do IPCA logo em março, abril e maio daquele ano, justamente em termos do início das medidas de contenção que diminuíram o ritmo econômico. Em abril e maio, o índice registra queda na variação nos valores de 0,31% e 0,38%, respectivamente. No entanto, já no segundo semestre, e ao longo de todo o ano de 2021, o IPCA demonstrou altas variações e impactando negativamente no consumo da população. Em 2020, o índice fecha o ano tendo um resultado de 4,52%, enquanto em 2021 o percentual total no ano termina acima de 10%. Visando uma compreensão mais aperfeiçoada do IPCA, é de suma importância entender outros aspectos de sua composição.

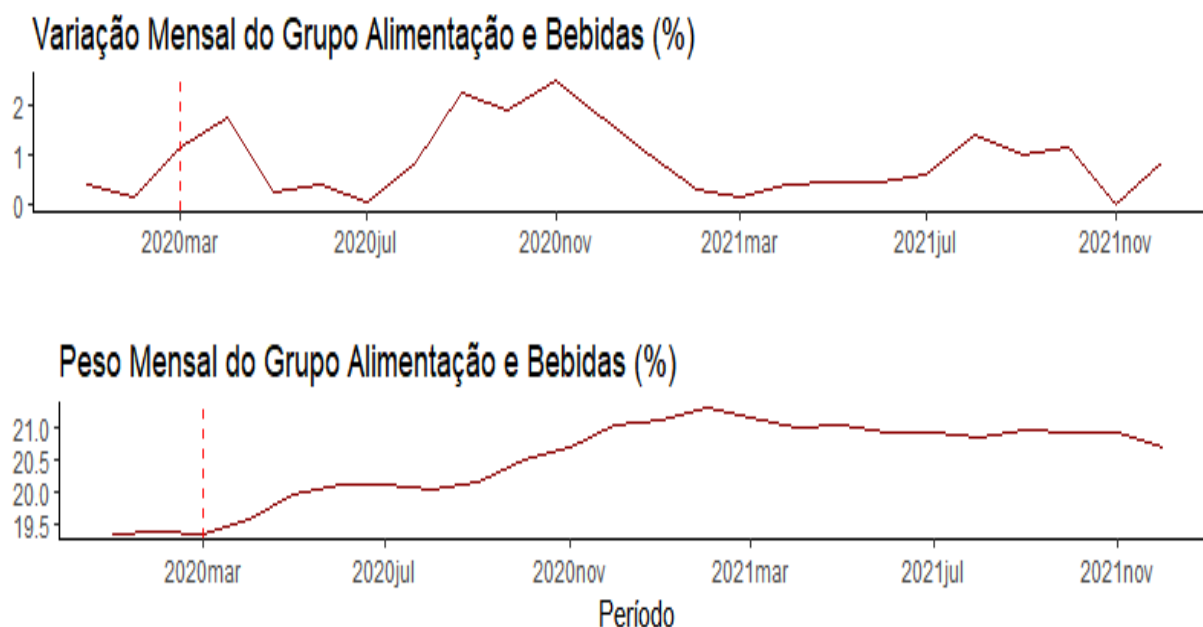
O IPCA é construído de forma hierarquizada, sendo dividido em grupos, subgrupos, itens e subitens, os quais refletem bens e serviços consumidos pela população. Há nove grupos que compõe o índice: alimentos e bebidas, habitação, artigos de

residência, vestuário, transportes, comunicação, saúde e cuidados pessoais, despesas pessoais e educação.

Cada um desses itens apresenta um determinado peso no IPCA, peso este que é definido mensalmente, de acordo com os gastos das famílias em diferentes bens e serviços. Estes gastos, por sua vez, são captados pela POF. A cada grupo estarão então vinculados subgrupos, itens e subitens. Atualmente, o IPCA possui 377 subitens, distribuídos por 51 itens e 19 subgrupos. Todos os meses o IBGE calcula a variação do preço de cada um desses subitens em relação ao mês anterior, assim como também verifica o peso dele no índice cheio. Multiplicando a variação mensal do item com seu peso, encontra-se sua contribuição ao IPCA. Somando o produto de cada uma das contribuições dos grupos, resulta-se na variação mensal do índice cheio.

Tendo em vista o grupo Alimentos e Bebidas, os gráficos abaixo revelam o comportamento da variação mensal desse grupo, assim como seu peso ao longo do período pandêmico.

Figura 10 - Variação e Peso Mensal do Grupo Alimentação e Bebidas

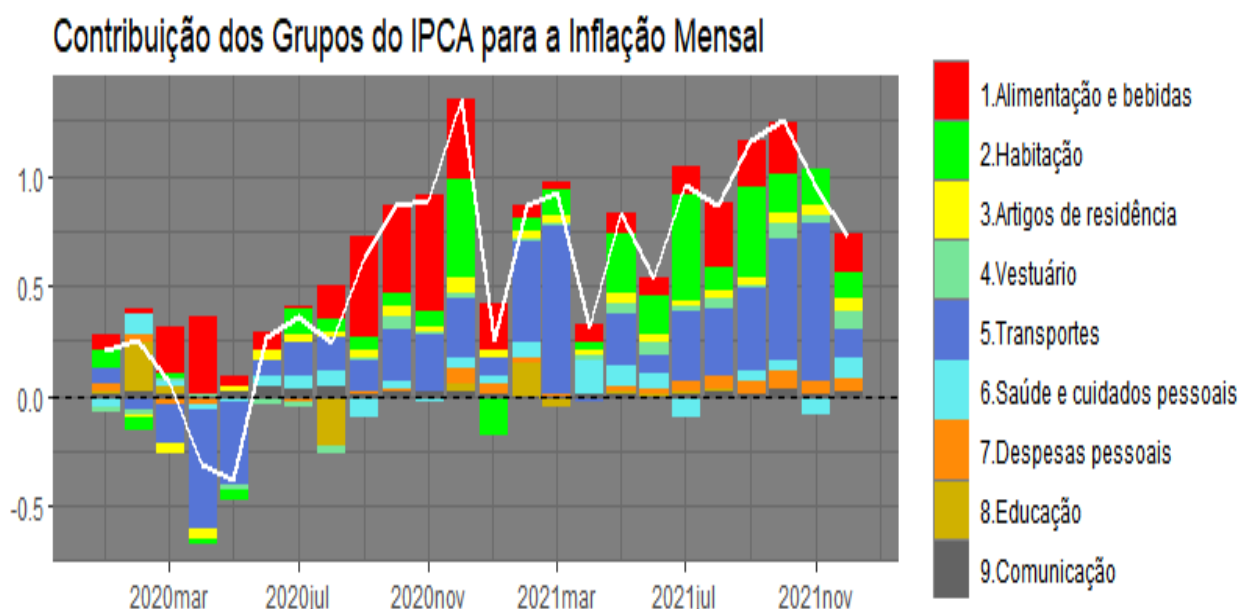


Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

Percebe-se que no começo da pandemia tanto a variação quanto o peso dos alimentos sofrem um aumento substancial. No caso da variação, esse aumento se mantém elevado durante todo o segundo semestre de 2020, enquanto o peso se torna mais relevante em 2021 (embora apresente constante alta desde o segundo trimestre de 2020).

Para melhor entender como o respectivo grupo impactou o IPCA, é necessário compará-lo com os demais grupos. O gráfico abaixo mostra a contribuição (isto é, variação multiplicada pelo peso) de cada grupo na composição do IPCA ao longo dos dois anos. Também mostra (linha branca) o IPCA calculado através da soma de cada produto de grupo.

Figura 11 - Contribuição dos Grupos do IPCA para Inflação Mensal



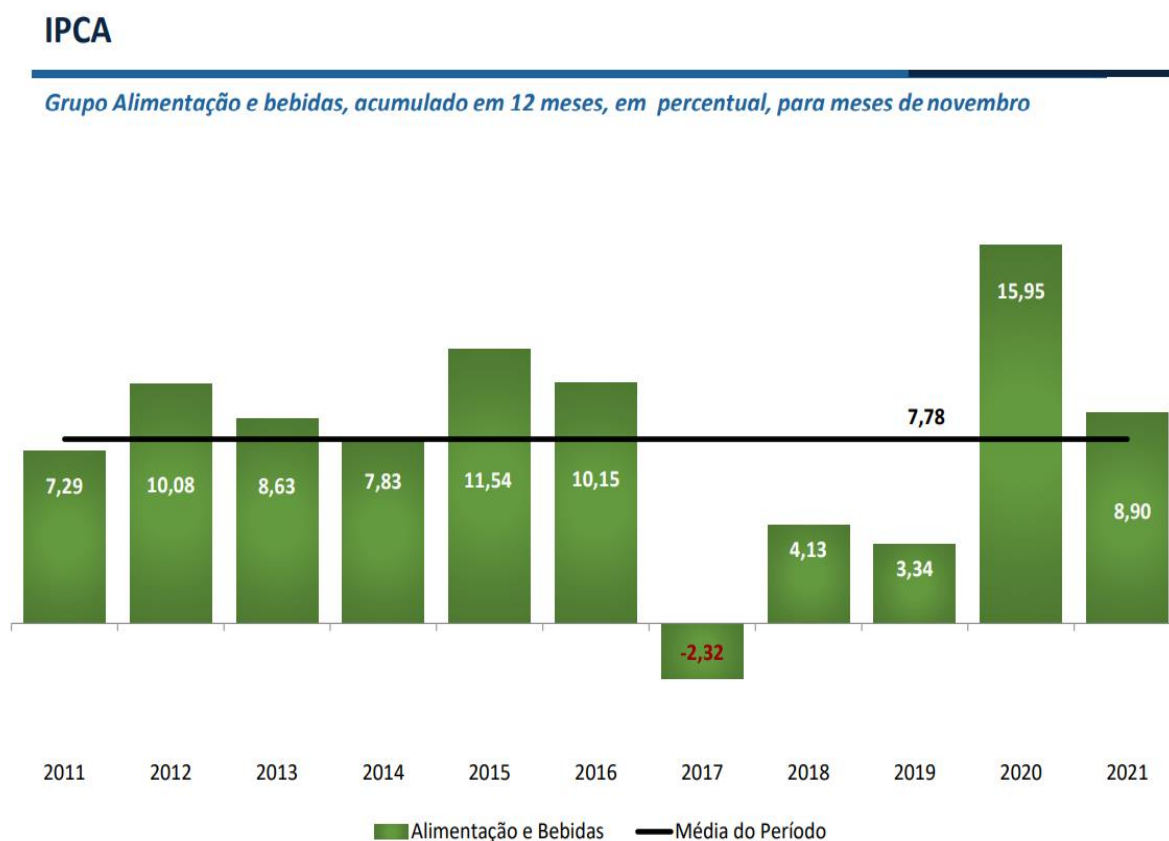
Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

Nesse gráfico, observa-se que a contribuição de alimentos e bebidas se mostra como a maior já em março e abril de 2020, coincidindo com os fechamentos e distanciamentos sociais. Ao longo de todo o segundo semestre do mesmo ano, a contribuição desse grupo impactou fortemente na variação positiva da inflação mensal, especialmente nos meses de setembro, outubro e novembro. Em setembro, da variação de 0,64% do índice, o grupo Alimentação e Bebidas contribuíram com 0,45%. Em outubro, contribuiu 0,39% com 0,86% registrado. Já em novembro, com uma taxa mensal de

0,89% do índice, o respectivo grupo contribuiu com 0,51%, sendo esta a maior contribuição desse setor em todo o período analisado.

Na verdade, em termos históricos, a média da variação do grupo Alimentação e Bebidas sofreu seu maior aumento no ano de 2020 da última década, como pode ser analisado no gráfico a seguir.

Figura 12 - Evolução IPCA do Grupo Alimentação e Bebidas



Fonte: IBGE. Elaboração: SPE/ME

4. IMPACTO NO CONSUMIDOR

Até agora, foram analisados a produção setorial e o efeito nos preços globais e locais. Neste tópico, será abordado um melhor entendimento sobre como os preços dos alimentos foram afetados diretamente no consumidor brasileiro e como se mostrou a contribuição do governo.

4.1. Economia antes e após abertura

Com o surgimento de um novo vírus respiratório altamente transmissível, os países se viram obrigados a adotar medidas restritivas e de distanciamento, chegando até mesmo a decretar lockdown, ou seja, confinamento total da população. Como consequência, várias pessoas se viram impossibilitadas de se deslocar para trabalhar ou de manter seu trabalho durante toda a pandemia, o que gerou uma perda de renda e de empregos.

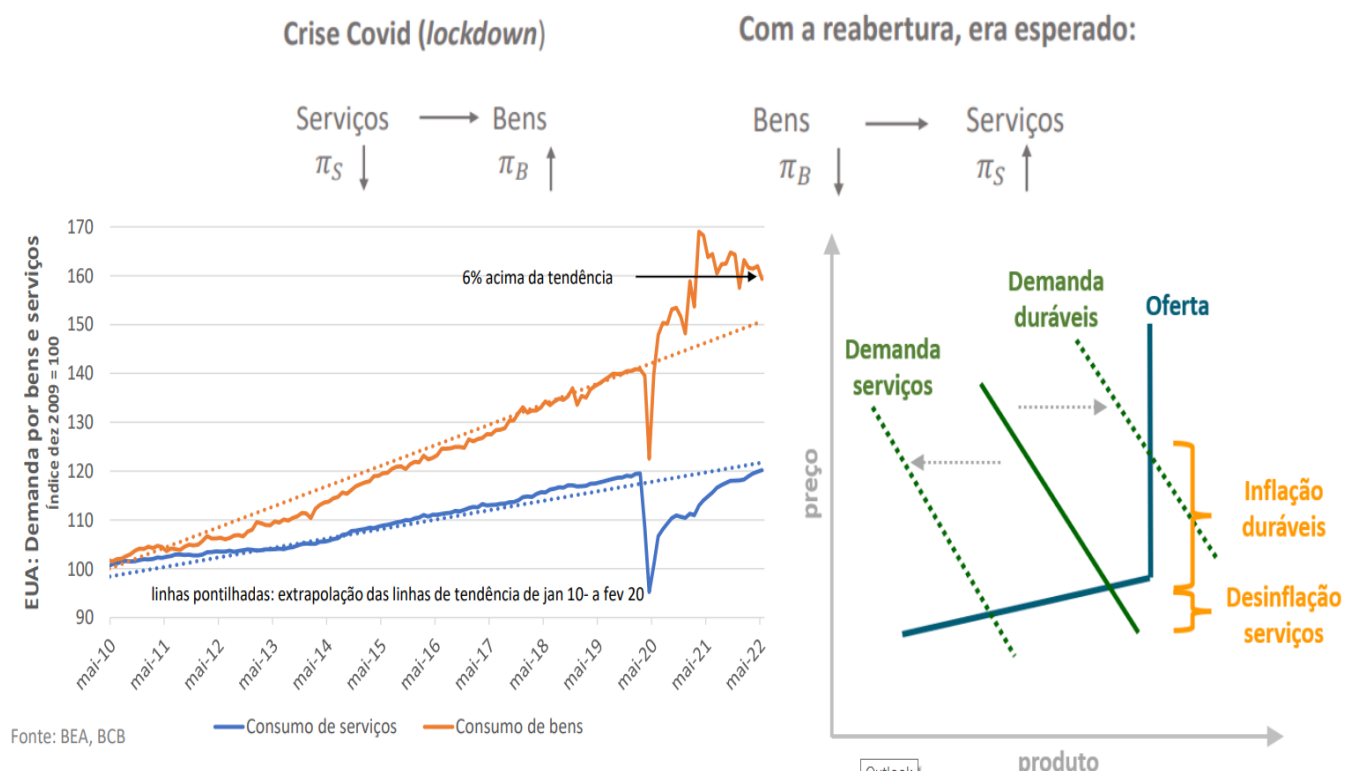
Tendo em vista a nova crise socioeconômica, os países se voltaram para políticas contracíclicas a fim de controlar a situação emergencial. Essas ações podem ser divididas em 3 fases na Pandemia: expansão fiscal e acomodação monetária (fase 1); recuperação em “V” das economias, ainda que sobre políticas acomodatórias (fase 2); retirada de estímulos e acomodação, principalmente na política monetária (fase 3). Vale ressaltar que essas fases foram executadas em sincronia entre os países e políticas, o que acarretou em um efeito global potencializado. Neste

Na fase 1, início da pandemia em março, e que se estende até o segundo semestre de 2020, os países, em especial o Brasil, promoveram um corte abrupto das taxas de juros, fruto da incerteza que se estabelecia no mundo. No Brasil, a taxa Selic (Meta) que no dia 11 de março de 2020 registrava o valor de 4,25% a.a, atravessou severos cortes ao longo do ano, passando a registrar uma taxa de 2,0% a.a ainda em 2020 e no início de 2021. Além disso, também se observaram expansão de gastos, fomento de crédito subsidiado e transferência de renda. Utilizando desses artifícios fiscais, o Brasil se destacou dos países emergentes ao promover elevados pacotes e estímulos à demanda, de modo a amenizar a recessão vivenciada no período.

A fase 2 demarcou a retomada da atividade econômica (pode ser muito bem observada essa retomada na figura 1) por volta do terceiro trimestre de 2020. A fase 3, iniciada por volta do terceiro trimestre de 2021, representou o começo da retirada dessas medidas expansionistas, principalmente na área monetária, sustentada pela retomada da economia. No caso brasileiro, a recuperação do PIB se dá no final de 2021.

Tal fase 2 merece destaque quanto sua característica. Nela há, como descrito, uma recuperação econômica, mas que foi impulsionada especialmente pela mudança de perfil no consumo das famílias e por estímulos. Os gráficos abaixo demonstram essa alteração sobre a curva de bens e serviços. Observação: os gráficos representam o mercado norte-americano, mas são fidedignos em representar a realidade observada no Brasil e em demais países.

Figura 13 - Comportamento Oferta x Demanda na pandemia



Fonte: Banco Central do Brasil

Como pode ser observado, há uma queda no consumo tanto de bens quanto de serviços no momento inicial da pandemia. Ao longo do ano, principalmente após a reabertura econômica, esse consumo retornou próximo à tendência (linhas pontilhadas). No caso dos bens, seu consumo conseguiu ultrapassar a tendência, diferentemente do consumo de serviços o qual não conseguiu atingir o patamar previsto. Tal evento resultou, portanto, em um aumento da inflação de bens e deflação de serviços, se mostrando contrário à previsão esperada de queda no preço dos bens e aumento no preço de serviços. O evento ocorrido comprovou uma mudança de perfil do consumidor.

Em termos de oferta e demanda, essa retomada do consumo reflete em um deslocamento da curva de demanda dos bens duráveis para a direita, enquanto a curva de serviços desloca-se para a esquerda. Nesse aspecto, a curva de oferta se comportou de modo inusitado, tornando-se inelástica com a pandemia. Isso ocorre muito devido a efeitos colaterais das medidas restritivas, com diversas fábricas apresentando ainda capacidade reduzida, reabertura lenta, poucos trabalhadores disponíveis ou até mesmo fechadas. Há uma interrupção na cadeia produtiva, afetando produções de materiais como cabos, semicondutores e eletrodomésticos, por exemplo. A combinação entre a inelasticidade da oferta e aumento da demanda de bens gerou o efeito inflacionário nesse setor, enquanto que a queda na demanda de serviços resultou em efeito oposto.

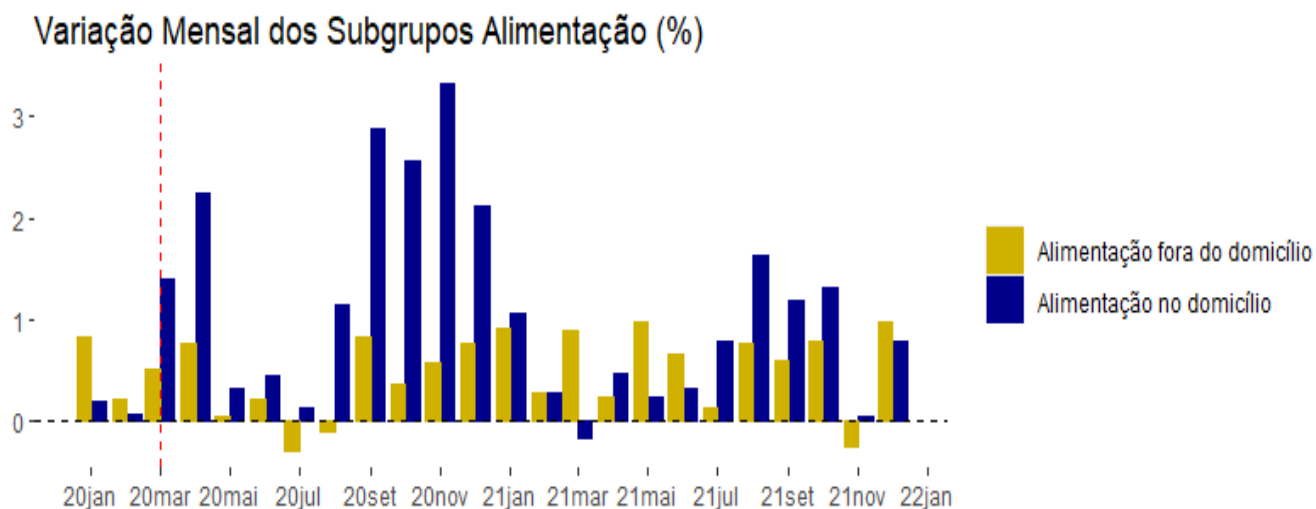
4.2. Impacto na Alimentação

4.2.1. Análise dos subgrupos

Como já foi descrito, o IPCA é composto por 9 grupos, que são também compostos por subgrupos, itens e subitens, determinados por meio da POF. Seus pesos multiplicados pelas variações são capazes de fornecer a contribuição do setor para aumento de preços, bem como seu impacto.

Um fato importante para melhor compreender o impacto nos alimentos se mostra na análise dos subgrupos do grupo Alimentação e Bebidas. Neste grupo, há o subgrupo Alimentação no Domicílio e Alimentação Fora do Domicílio. Em termos de peso no orçamento das famílias, 65% do grupo alimentos é representado pelo subgrupo alimentação dentro de casa e o restante pela alimentação fora (WILHER, 2022).

O gráfico abaixo, obtido com dados do IBGE, revela como se comportou a variação de preços na alimentação dentro e fora do domicílio durante a pandemia.

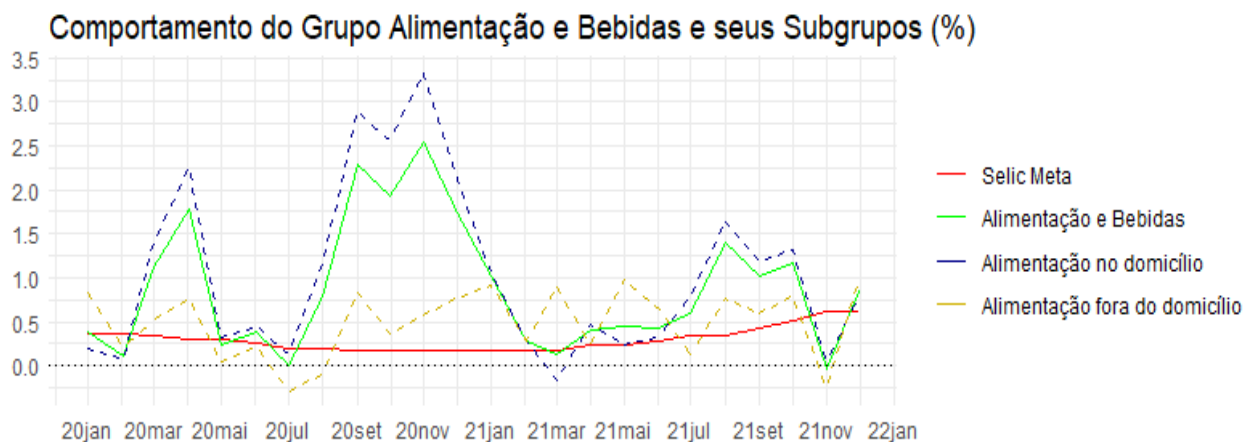
Figura 14 - Variação Mensal dos Subgrupos Alimentação

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

É notório no gráfico que, logo no início do decreto da pandemia, há um aumento na variação do subgrupo Alimentação no Domicílio no valor de 1,40% em março e 2,40% em abril. Este aumento permanece em boa parte de 2020, principalmente no segundo semestre e no mês de novembro, onde atinge seu ápice em 3,3%. Este aumento está muito atrelado à tomada de medidas restritivas e à maior segurança do consumidor em se manter distante de locais fechados com aglomeração. Estas subidas na variação condizem com o relatado no tópico de IPCA.

Ao mesmo tempo, observa-se uma queda na variação no subgrupo Alimentação fora do domicílio, especialmente nos meses de julho e agosto, nos valores de 0,29% e 0,11%. Tal ocorrência, além de corroborar com a menor disposição do indivíduo em sair da residência, também confirma a deflação sofrida pelo setor de serviços e que foi relatada anteriormente.

Também é possível visualizar como os subgrupos se comportaram em relação ao grupo ao qual eles fazem parte. No gráfico abaixo, nota-se diretamente como, durante os anos de pandemia, os preços quanto a alimentação dentro do domicílio e fora do domicílio afetaram a variação do grupo Alimentação e Bebidas. Além disso, utilizando dados do Banco Central do Brasil, também consegue-se ver como essas variáveis atuaram em comparação com a meta da taxa de juros básica (Selic) em termos mensais.

Figura 15 - Comportamento do Grupo Alimentação e Bebidas e seus Subgrupos

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE e BACEN

Os dados ratificam o que foi apresentado anteriormente nas figuras 11 e 13: o setor alimentício se torna impulsionado no início da pandemia e em meados do segundo semestre de 2020, especialmente atrelado à variação na Alimentação no domicílio. É comum, no entanto, que as pessoas gastem mais com alimentos que compram para dentro de casa. Mas tal fato se mostrou amplificado em razão as medidas restritivas e temores quanto ao novo vírus, algo que também pode ser justificado pela queda de preço no subgrupo Alimentação fora do domicílio, ou seja, no consumo de alimentos em estabelecimentos fora de casa.

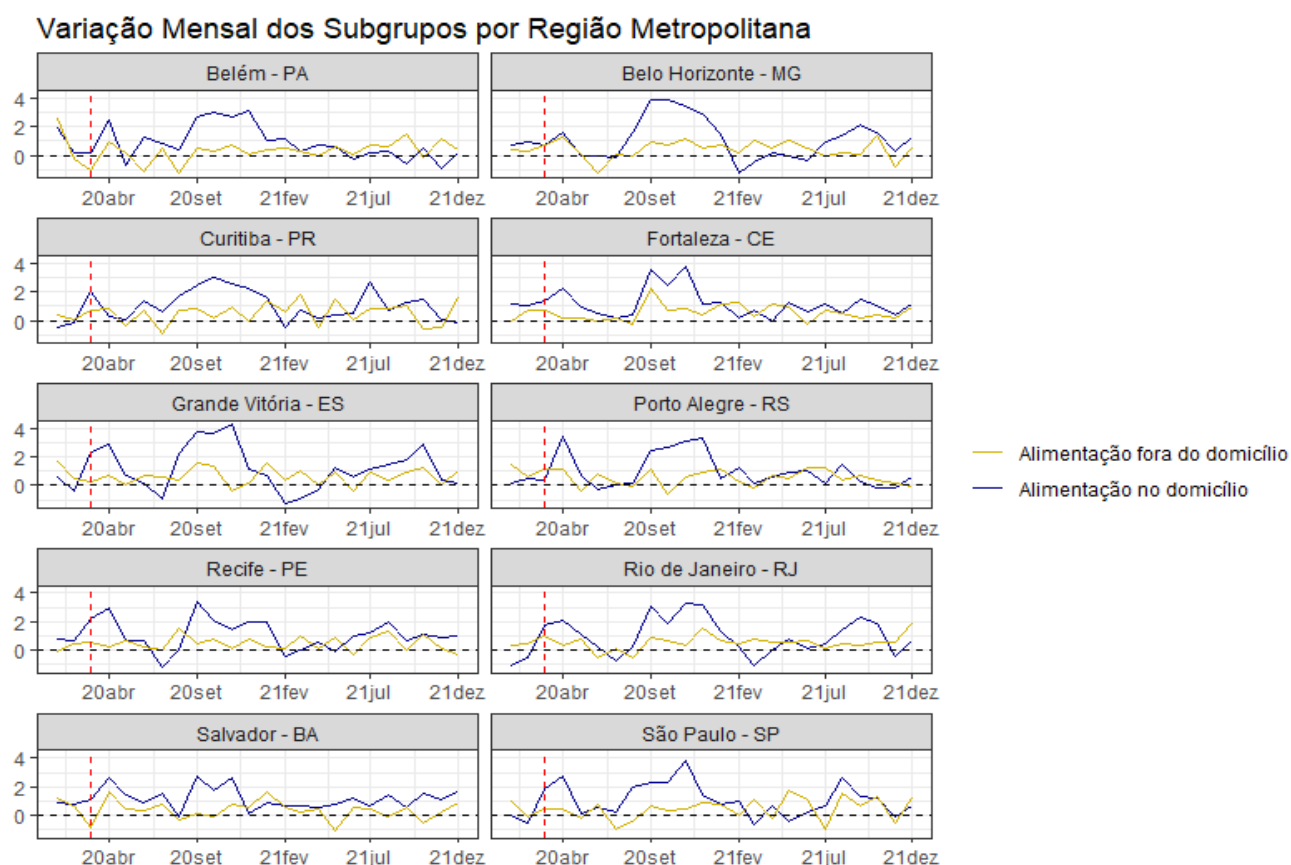
Também é notório como o subgrupo Alimentação fora do domicílio possui uma oscilação bem menor quando comparado com dentro do domicílio. O preço dos alimentos comprados para residências é bem mais sensível às flutuações econômicas e aos períodos de maior instabilidade na produção, além de também mostrar uma tendência a retornar a meta de inflação, diferentemente da Alimentação fora do domicílio. Isto porque este subgrupo reage mais intensamente aos custos observados por bares, restaurantes e demais estabelecimento do gênero. Ainda assim, o impacto da pandemia foi capaz de atribuir choques momentâneos nos respectivos subgrupos, de modo a apresentarem um comportamento mais exacerbado no período analisado.

4.2.2. Subgrupos por Região Metropolitana

Também é possível analisar como se comportou a variação da alimentação em algumas regiões metropolitanas do Brasil. As cidades de Belém (PA), Fortaleza (CE), Recife (PE), Salvador (BA), Belo Horizonte (MG), Grande Vitória (ES), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS) apresentam seus dados históricos neste setor.

No gráfico abaixo é possível notar a diferença entre a variação entre Alimentação no domicílio e fora do domicílio nas regiões metropolitanas e suas respectivas Unidades Federativas nos anos de 2020 e 2021.

Figura 16 - Variação Mensal dos Subgrupos Alimentação por Região Metropolitana



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

É possível perceber como todas as capitais contabilizadas pelo IBGE para realizar o cálculo do IPCA apresentaram comportamento semelhante quanto a variação de preços do grupo de Alimentação em meados de 2020 e 2021. Não há uma diferença

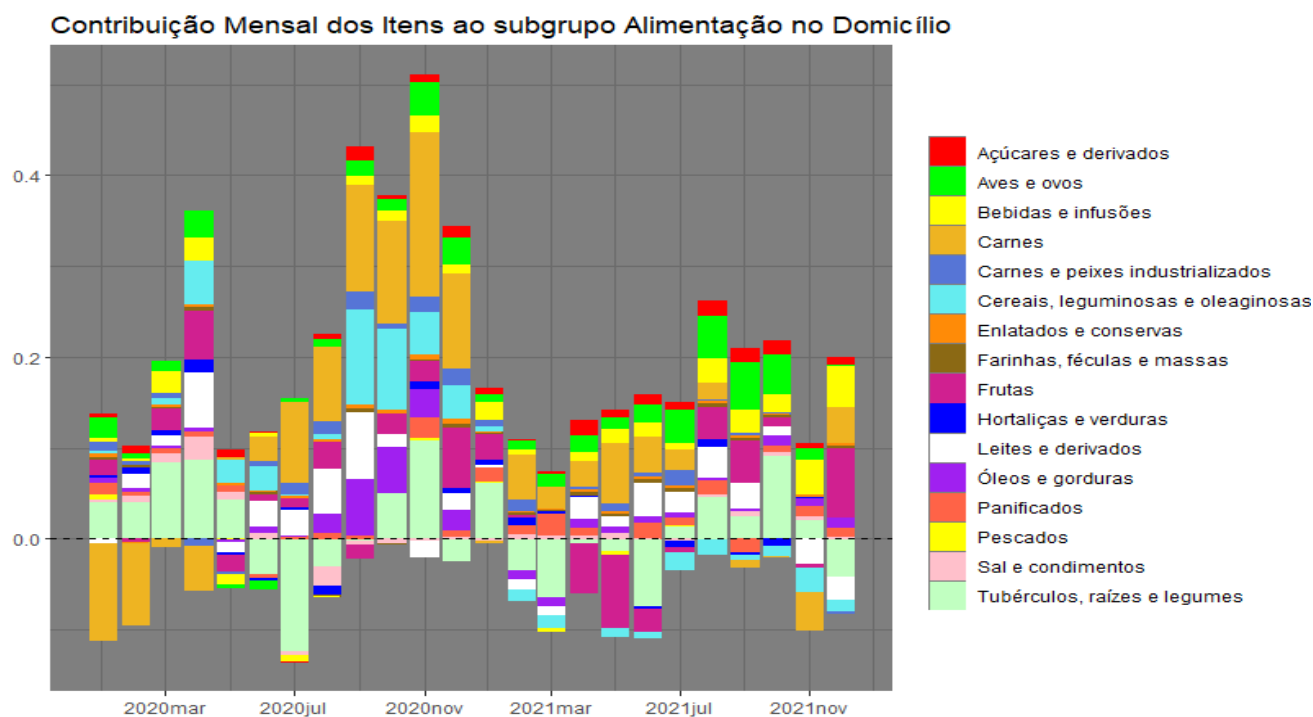
tão discrepante quanto à macrorregião onde se situa a cidade ou a seu tamanho populacional. O Brasil é atingido pela pandemia de modo quase que homogêneo em relação aos efeitos no consumo.

4.2.3. Análise dos itens

Como já foi apresentado, o IBGE desmembra o IPCA em grupos, subgrupos, itens e subitens. No grupo Alimentação e Bebidas, existem os subgrupos Alimentação dentro e fora do domicílio. No primeiro subgrupo (Alimentação dentro do domicílio), desdobram-se itens que compõe o valor desta classificação. Os itens correspondentes são: Cereais, leguminosas e oleaginosas; Farinhas, féculas e massas; Açúcares e derivados; Tubérculos, raízes e legumes; Hortaliças e verduras; Frutas; Carnes; Pescados; Carnes e peixes industrializados; Aves e ovos; Leites e derivados; Panificados; Óleos e gorduras; Bebidas e infusões; Enlatados e conservas; Sal e condimentos.

O gráfico abaixo revela como contribuíram os itens acima citados para a variação do subgrupo de Alimentação no Domicílio. Vale ressaltar que essas contribuições são resultado do produto entre as respectivas variações e pesos dos itens.

Figura 17 - Contribuição Mensal dos Itens ao Subgrupo Alimentação no Domicílio

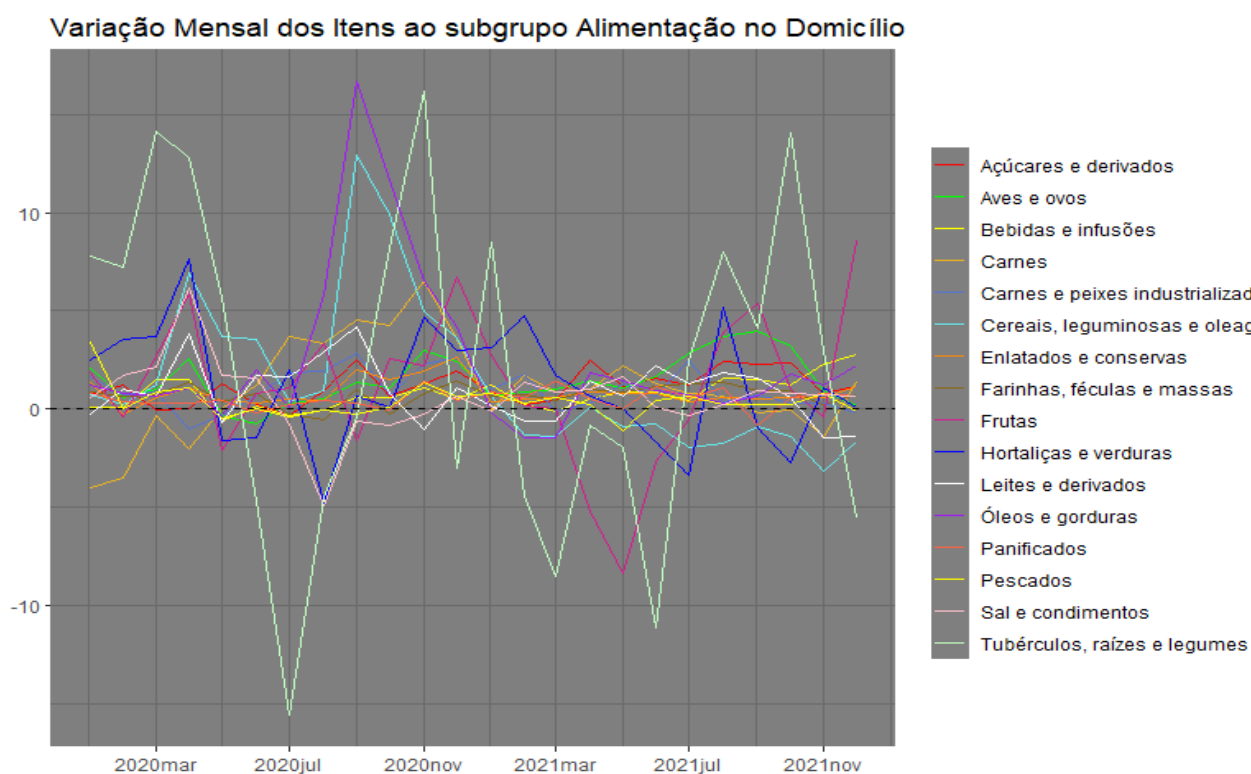


Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

Complementando os dados analisados no IPCA bruto, grande parte dos itens que compõe o subgrupo representado contribuíram positivamente ao índice inflacionário especialmente no início da pandemia e em meados do segundo semestre de 2020. Como também já visto, novembro se mostrou como o mês que mais possuiu aumento no preço ao consumidor. Neste gráfico, pode-se destacar a contribuição da carne ao IPCA mensal: nos meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2020, o item contribuiu majoritariamente ao aumento do índice. Em novembro, principalmente, a carne chegou a contribuir com 0,18% (aproximadamente) do aumento de alimentos no domicílio naquele mês, que atingiu por volta de 0,49%. Também é notório a contribuição negativa de Tubérculos, raízes e legumes, grandes responsáveis por uma “redução” da inflação no grupo de Alimentos.

Além da contribuição dos itens, deve-se atentar para a variação de seus preços mensais, sem levar em conta seus pesos, de modo a melhor entender o comportamento dos produtos na cadeia produtiva. O gráfico abaixo demonstra esses dados (em porcentagem).

Figura 18 - Variação Mensal dos Itens ao Subgrupo Alimentação no Domicílio



Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE

Os dados da variação divergem um pouco do prévio entendimento obtido com os dados da contribuição. Apesar de ter contribuído maciçamente com a inflação mensal, a variação da carne (ainda que tenha demonstrado aumento relevante, como de 6,54% em novembro de 2020) não se parece tão expressiva comparada a de outros itens. Percebe-se que itens como tubérculos, raízes e legumes apresentaram alta volatilidade, apresentando uma queda de 15,63% em julho de 2020 e um aumento de 16,22% em novembro do mesmo ano. Grande parte dos itens obtiveram variação positiva em seus preços especialmente no final do segundo semestre de 2020 (como já foi abordado).

Vale ressaltar que o efeito da sazonalidade não foi incluído nessa análise. É possível que as variações (principalmente as mais voláteis) nos itens estejam sujeitas a efeitos momentâneos do próprio período do ano.

4.3. Análise Social

4.3.1. Cesta Básica

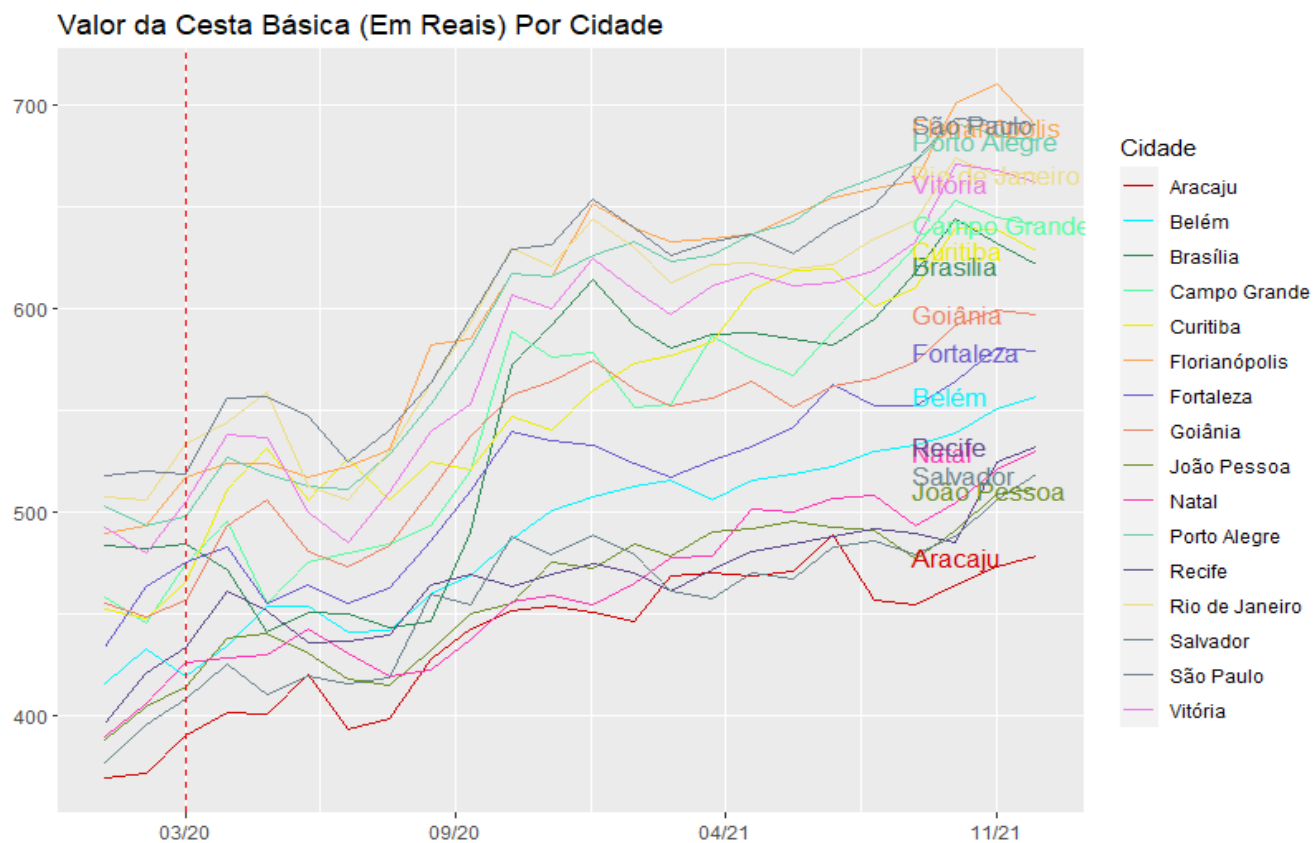
Um indicador favorável para se analisar o impacto social na alimentação durante a pandemia é a cesta básica. Em 1938, o governo brasileiro estabeleceu uma lei, indicando uma lista de alimentos balanceados (com proteínas, ferro, cálcio e fósforo) e suas respectivas quantidades necessárias para garantir saúde e bem estar de um trabalhador em idade adulta.

Esta lista recebeu o nome de Cesta Básica Nacional, composta basicamente pelos seguintes produtos, cuja quantidade pode variar de acordo com a região do Brasil: carne, leite, feijão, arroz, farinha, batata, legumes (tomate), pão francês, café em pó, frutas (banana), açúcar, banha/óleo e manteiga (EQUIPE INFOMONEY, 2010).

Como já mencionado anteriormente, a cesta básica também é utilizada como instrumento para se medir a inflação. No Brasil, um dos institutos que responsáveis pelo registro do valor da cesta é o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). Os gráficos abaixo foram obtidos através do site do DIEESE. Vale ressaltar que o instituto utilizou a POF 2008/2009 para a definição dos locais de coleta, assim como também foram considerados os gastos médios mensais das famílias

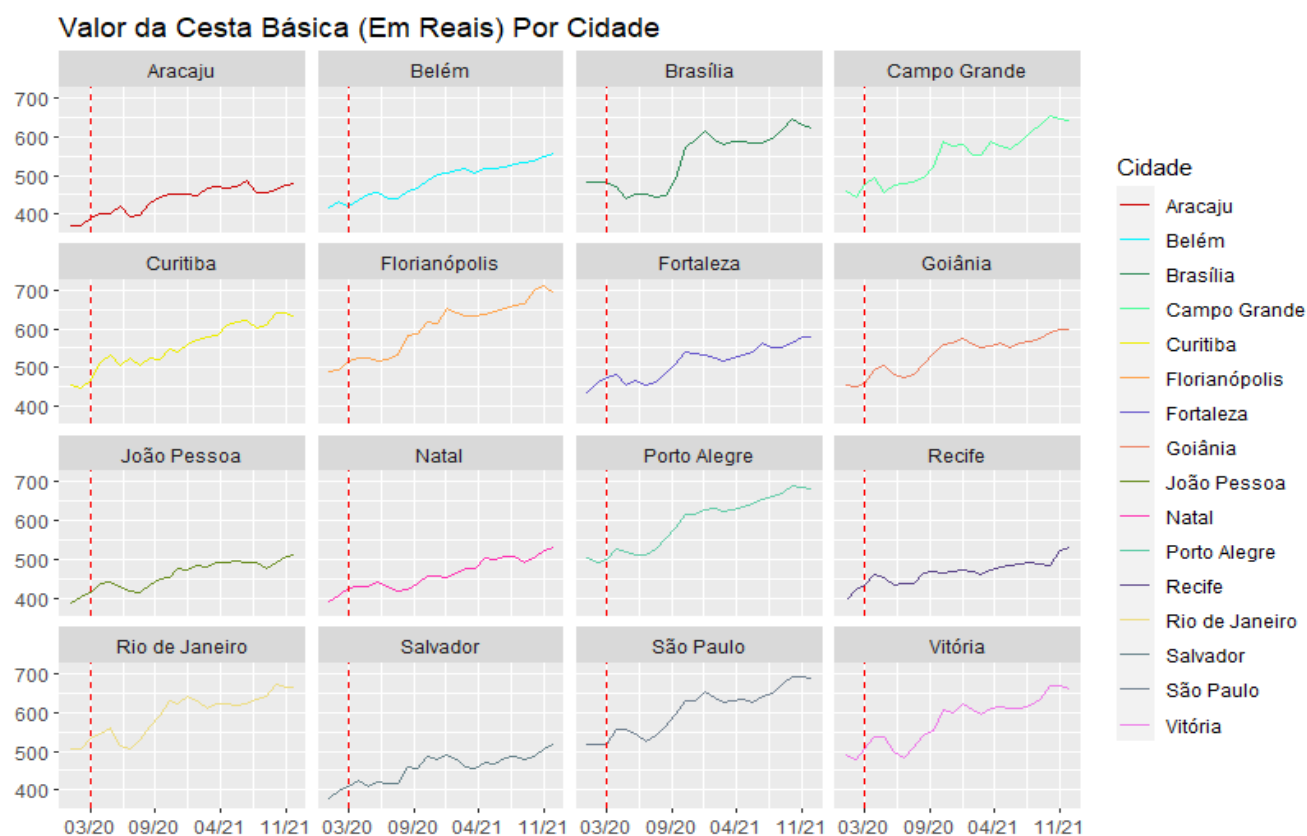
de um a três salários mínimos e os locais onde estas adquiriam os produtos da Cesta Básica, para todas as capitais.

Figura 19 - Valor da Cesta Básica por Cidade 1



Fonte: Elaboração própria com dados do DIEESE

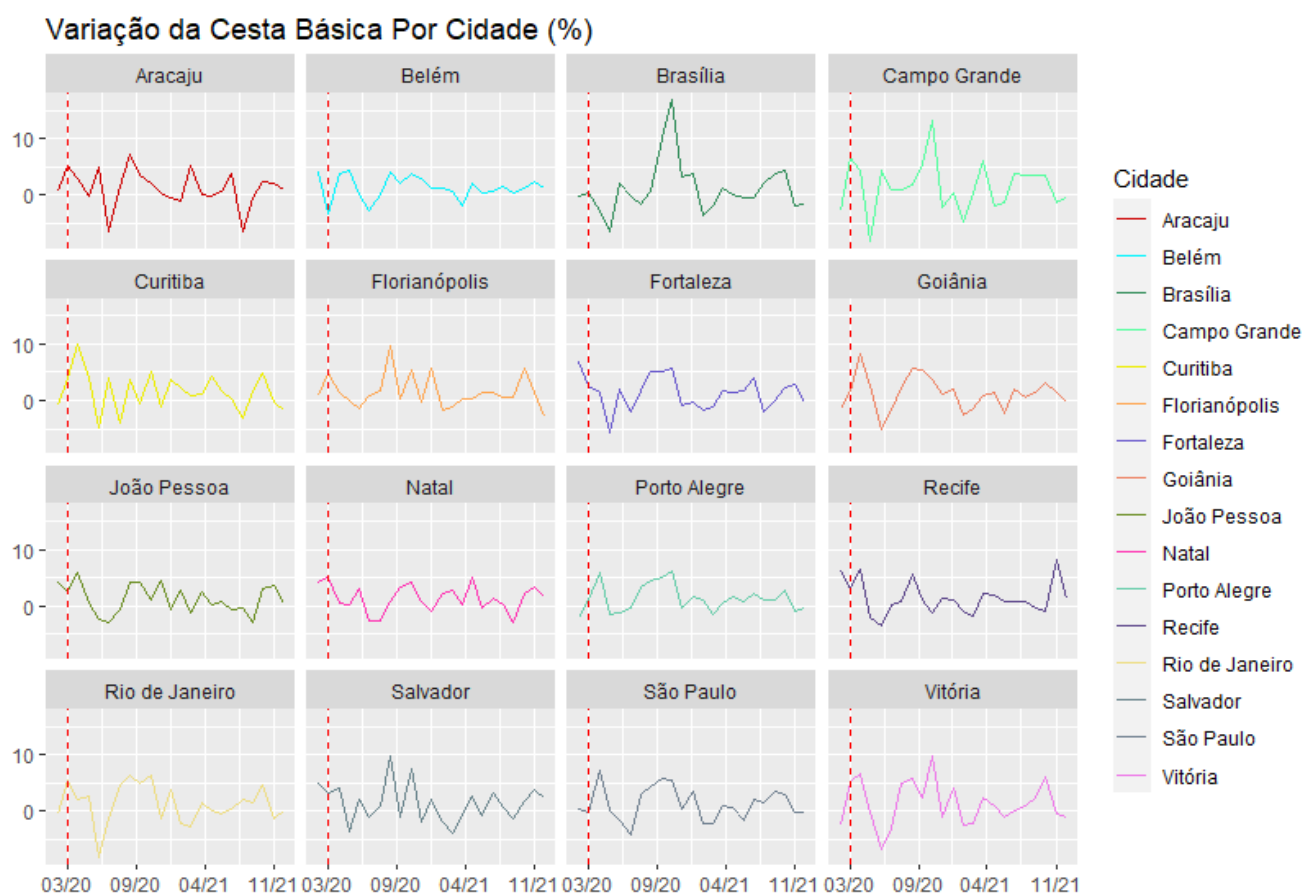
Para facilitar a visualização dos dados, o gráfico acima também pode ser estruturado a partir de facetas. O gráfico abaixo replica a figura 19 de modo a permitir um melhor entendimento da evolução da cesta básica por cidade.

Figura 20 - Valor da Cesta Básica por Cidade 2

Fonte: Elaboração própria com dados do DIEESE

Percebe-se que há um aumento do gasto total em relação à cesta básica necessária para o cidadão brasileiro. É esperado que cidades mais populosas e mais urbanizadas, como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Florianópolis e Porto Alegre apresentem um custo de vida mais elevado que demais cidades. Também é notório que há uma leve queda no valor da Cesta no início da pandemia, e que seu forte incremento se dá, principalmente, no segundo semestre de 2020, permanecendo crescente no ano de 2021.

Além do valor bruto da Cesta Básica Nacional, observar sua variação ao longo do tempo pode fornecer um melhor entendimento da situação. O gráfico abaixo demonstra a variação do indicador nas cidades contempladas pela pesquisa.

Figura 21 - Variação da Cesta Básica por Cidade

Fonte: Elaboração própria com dados do DIEESE

Quando se trata de variação, a cidade de Brasília apresentou maior taxa em meados do segundo semestre de 2020, seguido depois por Campo Grande. Nesse gráfico também fica nítido a variação negativa nos valores das cestas básicas logo após o início da pandemia. Em termos gerais, as cidades apresentam um pico e um vale na série analisada, representando o impacto da pandemia diretamente nos custos de vida.

4.3.2. Fome

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), houve um agravamento dramático da fome mundial em 2020, muito provavelmente relacionado às consequências da Covid-19. Estima-se que cerca de um décimo da população global (até 811 milhões de pessoas) enfrentaram a fome no ano de 2020. Em muitas partes do mundo, a pandemia provocou recessões brutais e prejudicou o acesso aos alimentos (UNICEF, 2021).

Em 2014, o Brasil saiu do Mapa da Fome da Organização das Nações Unidas (ONU), mas retornou um ano depois. O quadro da fome sempre se mostrou de forma endêmica no país e, mediante as dificuldades econômicas e sociais geradas pela pandemia de 2020, ela se tornou mais agravante. O Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil, realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) e divulgado pela Agência Brasil, relatou dados relevantes a respeito desse gargalo social que o país enfrenta.

Estima que 55,2% dos lares brasileiros, ou o correspondente a 116,8 milhões de pessoas, conviveram com algum grau de insegurança alimentar no final de 2020 e 9% deles vivenciaram insegurança alimentar grave, isto é, passaram fome, nos três meses anteriores ao período de coleta, feita em dezembro de 2020, em 2.180 domicílios. Em 2021, cerca de 19 milhões de brasileiros viviam em estado de fome e mais da metade dos domicílios no enfrentou algum grau de insegurança alimentar (GANDRA, 2021).

Em relação a cor de pele, a pesquisa também mostrou que pessoas pretas ou pardas viveram com insegurança alimentar grave em 10,7% dos domicílios, tendo essa taxa caído para 7,5% para pessoas brancas. No Norte e no Nordeste, a fome atinge 18,1% e 13,8% dos domicílios, respectivamente, contra menos de 7% nas demais regiões do país, superando a média de 9% referente a todo o território nacional (GANDRA, 2021).

5. CONCLUSÃO

Tendo em vista as análises de cada tópicos individuais, algumas conclusões podem ser obtidas ou ressaltadas.

Em relação a produção agropecuária nacional, foi constatado que pouco foi afetada inicialmente pela pandemia, em comparação com os demais setores industrial e de serviços. É de se esperar tal comportamento, já que as medidas restritivas são mais severas e geram efeitos mais diretamente sobre grandes (principalmente) centros urbanos, justamente onde estão concentrados as indústrias e os serviços.

Entretanto, a queda no PIB agropecuário no segundo semestre 2021 pode ser consequência dos efeitos da pandemia, seja pelo negativo impacto na demanda ou pelo aumento nos custos da atividade.

Ao mesmo tempo em que existe uma queda na produção desse setor em 2021, verifica-se que a participação agropecuária no PIB do país elevou-se para 27,4%, melhor resultado desde 2004. Tal ocorrência pode estar atrelada ao efeito das commodities (agrícola em especial) durante os dois anos de pandemia, cujos preço, como foi destacado, apresentaram um crescimento expressivo. Atrelado a isso, a pandemia gerou uma subida do câmbio, muito provocada pela aversão ao risco de investidores durante o período de bastante incertezas. Esses dois fatos resultam na melhora da balança comercial brasileira, principalmente nas exportações em 2021, recuperando os maus momentos de 2020 quando a pandemia criou obstáculos ao comércio internacional.

Embora o efeito cambial tenha trazido uma resposta positiva, em relação aos preços do consumidor amplo o resultado se mostrou mais negativo: o encarecimento do dólar provocou uma elevação da taxa de inflação no país. Não só via câmbio, mas o próprio contexto pandêmico em boa parte do período fragilizou tanto a oferta quanto a demanda, elevando o nível geral de preços. O índice do IPCA cresceu substancialmente nos anos de 2020 e 2021. Muitos produtos, especialmente alimentos, passaram a se tornar de difícil acesso a muitos brasileiros. Como também foi observado, há um aumento do custo de vida (Cesta Básica) nas grandes capitais brasileiras.

No entanto, não se pode desconsiderar o efeito governamental através de políticas fiscais expansionistas. O Auxílio Brasil, benefício concedido à população vulnerável durante o período de medidas restritivas, favoreceu um certo aumento da demanda. É possível afirmar que, tendo em vista um excesso (ainda que não muito grande) de renda, e levando em conta a menor disponibilidade de oportunidade de

consumo devido às medidas restritivas, uma boa parte da demanda se direcionou em maior peso ao setor de alimentos. O aumento do consumo de alimentos, por sua vez, também pode ter favorecido a elevação de preços nesse grupo, gerando um feedback positivo.

Ainda que o auxílio tenha sido positivo, o efeito da pandemia sobre a produção e o preços dos produtos foi significativamente negativo. Há uma perda da capacidade de consumo pelos brasileiros, principalmente quando se trata de alimentos. A consequência dessa perda se fez presente na menor qualidade de vida da população, tendo em vista o aumento de famílias em situações de fome e desnutrição.

A Covid-19 deixou o país arrasado: alto número de mortes e piora nas condições sociais. As políticas públicas, realizadas no momento de estresse global, podem ter amenizado os impactos imediatos da pandemia, mas fato é que novas políticas precisam ser pensadas em virtude dos efeitos de longo prazo da crise sanitária. Buscar um equilíbrio fiscal que pudesse controlar a volatilidade do câmbio poderia diminuir os elevados índices inflacionários, por exemplo. Muitos consumidores brasileiros enxergam atualmente seu poder de compra reduzido e sem muitas perspectivas futuras de melhora. Resolver a crise econômica fruto da pandemia significa resolver também a crise social que se instalou no país e que tem se mostrado endêmica na vida de vários brasileiros.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CEPEA. PIB-AGRO/CEPEA: PIB DO AGRO CRESCE 8,36% EM 2021; PARTICIPAÇÃO NO PIB BRASILEIRO CHEGA A 27,4%. **cepea.esalq.usp**, 2022. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/br/releases/pib-agro-cepea-pib-do-agro-cresce-8-36-em-2021-participacao-no-pib-brasileiro-chega-a-27-4.aspx>>. Acesso em: 08 dezembro 2022.
- CLAUDIO CESAR DE PAIVA, S. C. F. D. P. No Brasil, impacto econômico da pandemia será forte e duradouro. **jornal da unesp**, 2021. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2021/07/02/no-brasil-impacto-economico-da-pandemia-sera-forte-e-duradouro/>>. Acesso em: 17 junho 2022.
- CNA. Panorama do Agro. **cnabrasil.org**, 2021. Disponível em: <<https://cnabrasil.org.br/cna/panorama-do-agro>>. Acesso em: 16 junho 2022.
- CNN BRASIL. Afetada por pandemia, importação cai 10,5% do início do ano até julho. **cnbrasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/afetada-por-pandemia-importacao-cai-10-5-do-inicio-do-ano-ate-julho/>>. Acesso em: 16 agosto 2022.
- CNN BRASIL. Commodities representam 70% dos produtos exportados em setembro. **cnbrasil**, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/business/commodities-representam-70-dos-produtos-exportados-em-setembro/>>. Acesso em: 18 agosto 2022.
- EQUIPE INFOMONEY. O que é uma cesta básica? **InfoMoney**, 2010. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/consumo/o-que-e-uma-cesta-basica/>>. Acesso em: 19 novembro 2022.
- FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 32 Edição. ed. [S.l.]: Companhia Editora Nacional, 2005.
- G1. Brasil sobe em ranking de maiores exportadores; participação nas vendas globais é de 1,3%. **g1.globo**, 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/04/12/brasil-sobe-em-ranking-de-maiores-exportadores-e-agora-tem-participacao-de-13percent-nas-vendas-globais.ghtml>>. Acesso em: 13 agosto 2022.
- GANDRA, A. Pesquisa revela que 19 milhões passaram fome no Brasil no fim de 2020. **agenciabrasil.abc**, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.abc.com.br/geral/noticia/2021-04/pesquisa-revela-que-19-milhoes-passaram-fome-no-brasil-no-fim-de-2020>>. Acesso em: 03 dezembro 2022.
- IBGE. **Pesquisa Industrial Mensal: Produção Física – PIM-PF**. IBGE. [S.l.], p. 6. 2018. (01/2018).
- IBGE. Inflação. **ibge.gov**, 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/explica/inflacao.php>>. Acesso em: 26 agosto 2022.
- LEIGH, M. E. K. D. Os desequilíbrios da economia mundial e a crise da COVID-19. **IMF BLOG**, 2020. Disponível em: <<https://www.imf.org/pt/Blogs/Articles/2020/08/04/blog-global-rebalancing-and-the-covid19-crisis>>. Acesso em: 15 novembro 2022.
- MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES. Impactos econômicos da pandemia no Brasil poderão ser observados até 2045. **gov.br**, 2021. Disponível em:

<<https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/noticias/2021/10/impactos-economicos-da-pandemia-no-brasil-poderao-ser-observados-ate-2045>>. Acesso em: 17 junho 2022.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Brasil é beneficiado pela valorização de commodities durante a pandemia, mas deve se preparar para choques. **Nações Unidas Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/139720-brasil-e-beneficiado-pela-valorizacao-de-commodities-durante-pandemia-mas-deve-se-preparar>>. Acesso em: 10 agosto 2022.

NAKAGAWA, F. Exportação de carne tem peso grande na balança comercial brasileira. **Estadão**, 2017. Disponível em:

<<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,exportacao-de-carne-tem-peso-grande-na-balanca-comercial-brasileira,70001704684>>. Acesso em: 16 junho 2022.

OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. **paho.org**, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 26 julho 2022.

PATHIRANA, S. Por que preços de alimentos sobem tanto. **BBC NEWS**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58968175>>. Acesso em: 17 junho 2022.

PONTES, N. Quem produz os alimentos que chegam à mesa do brasileiro? **asbraer**, 2017. Disponível em: <<http://www.asbraer.org.br/index.php/rede-de-noticias/item/3510-quem-produz-os-alimentos-que-chegam-a-mesa-do-brasileiro>>. Acesso em: 16 junho 2022.

REDAÇÃO NUBANK. Commodities: o que são e quais os principais tipos. **Nubank**, 2021. Disponível em: <<https://blog.nubank.com.br/commodities-o-que-sao/>>. Acesso em: 21 julho 2022.

SOUZA, D. K. F. D. **O IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VOLATILIDADE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS BRASILEIROS: UM ESTUDO PARA SOJA, MILHO E ALGODÃO**. Campinas. 2021.

THE WORLD BANK. Most Commodity Prices to Drop in 2020 As Coronavirus Depresses Demand and Disrupts Supply. **worldbank.org**, 2020. Disponível em: <<https://www.worldbank.org/en/news/press-release/2020/04/23/most-commodity-prices-to-drop-in-2020-as-coronavirus-depresses-demand-and-disrupts-supply>>. Acesso em: 09 agosto 2022.

UNICEF. Relatório da ONU: ano pandêmico marcado por aumento da fome no mundo. **unicef.org**, 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/relatorio-da-onu-ano-pandemico-marcado-por-aumento-da-fome-no-mundo>>. Acesso em: 03 dezembro 2022.

VASCONCELLOS, M. A. D. Alimentos que o Brasil precisa importar. **InfoEscola**, 2020. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/economia/alimentos-que-o-brasil-precisa-importar/>>. Acesso em: 17 junho 2022.

WILHER, V. Política monetária e inflação de alimentos. **AnáliseMacro**, 2022. Disponível em: <<https://analisemacro.com.br/tag/alimentacao-fora-de-casa/>>. Acesso em: 11 outubro 2022.

WOLFFENBÜTTEL, A. O que é? - Ajuste Sazonal. **ipea.gov**, 2005. Disponível em:
<https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2087:catid=28>.
Acesso em: 30 junho 2022.